

636.3

K788a

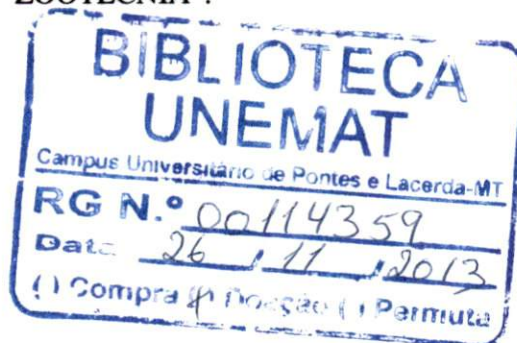
C92474935

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
DEPARTAMENTO DE ZOOTECNIA

**ASPECTOS PRODUTIVOS DA OVINOCULTURA NA REGIÃO DO
VALE DO GUAPORÉ, SUDOESTE DE MATO GROSSO**

Autora: Débora Masuti Santana Rosa
Orientadora: Profa. Dra. Jocilaine Garcia

"Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Zootecnia, apresentado ao Departamento de Zootecnia da Universidade do Estado de Mato Grosso Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como parte das exigências para obtenção do título de BACHAREL EM ZOOTECNIA".



PONTES E LACERDA
JULHO/2013

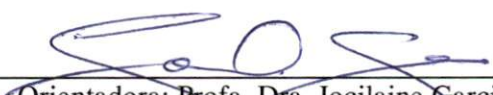
DÉBORA MASUTI SANTANA ROSA

**ASPECTOS PRODUTIVOS DA OVINOCULTURA NA REGIÃO DO
VALE DO GUAPORÉ, SUDOESTE DE MATO GROSSO**

“Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto a Coordenação do Curso de Graduação em Zootecnia, da Universidade do Estado de Mato Grosso, *Campus* Universitário de Pontes e Lacerda, como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Zootecnia”.

Aprovado em: 03 de julho de 2013

COMISSÃO EXAMINADORA:


Orientadora: Prof. Dra. Jocilaine Garcia
UNEMAT- Pontes e Lacerda/MT


Membro: Prof. Ma. Dilma Alves da Silva
UNEMAT- Pontes e Lacerda/MT


Membro: Prof. Me. Rafael Kill Silveira
UNEMAT- Pontes e Lacerda/MT

A minha família, que sempre esteve ao meu lado:

A minha mãe que é minha vida;

Ao meu pai por mim tão amado;

Aos meus irmãos que são insubstituíveis;

Ao meu esposo André Fernando Rosa.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a DEUS, pois sem ele nada em minha vida seria possível, agradeço por ele me orientar nas horas de angústia e comemorar comigo nas horas de alegria.

A Universidade do estado de Mato Grosso e ao departamento de Zootecnia por terem possibilitado a realização de mais um sonho em minha vida.

Especialmente a minha orientadora professora Jocilaine Garcia, pela orientação, colaboração, dedicação, paciência e confiança em mim depositada no decorrer da minha formação acadêmica e na elaboração do presente trabalho.

Aos professores Alexandre Agostinho Mexia, Osvaldo Martins e Tatiane Botini por terem participado da realização deste trabalho e terem sido fundamentais na minha formação acadêmica, me orientando e auxiliar no desenvolvimento do meu conhecimento científico e profissional e pela confiança em mim depositada durante o período de convívio.

A todos os professores do Curso de Zootecnia pelos valiosos ensinamentos e aos funcionários da UNEMAT por terem sido expectadores deste sonho, em especial a todas as mulheres da limpeza destacando as funcionárias Maria Aparecida (CIDA) e Tereza por ter sido tão especial para mim durante o decorrer destes cinco anos.

Aos produtores pelo apoio e participação no presente trabalho e a Marlene Bragato e família pela ajuda não somente no decorrer deste, mas em todos os momentos.

Aos colegas de todos os semestres que convivi em especial as minhas eternas amigas Dalila, Elizane, Eldânia, Heloíne, Mariella, Silvani e Ana Caroline por compartilharem os momentos de trabalho e de lazer.

Aos meus pais por me darem a vida e a educação que tenho hoje além de sempre estarem ao meu lado mesmo estando longe.

Ao meu irmão Rodrigo e sua família e à minha irmã Franciely e sua família por nunca me deixarem desamparada e por acreditarem em mim.

Ao meu esposo André Fernando por estar sempre comigo me apoiando em todos os momentos por me fazer tão feliz. A família do meu esposo por estar sempre me apoiando.

A todos que fizeram parte da minha vida até aqui e que não foram citados, agradeço imensamente e serei grata eternamente por cada palavra, cada momento.

“Eu só não consigo aquilo que não me predisponho em tentar.”

(Autor Desconhecido)

RESUMO

Com o objetivo de analisar as características da produção de ovinos na região do Vale do Guaporé, sudoeste do estado de Mato Grosso, realizou-se um questionário o qual foi aplicado a cinquenta criadores de ovinos da região. O questionário continha dez questões, abrangendo as características de produção e comercialização dos animais. Onde o mesmo também foi aplicado para a presidente da Associação de Criadores de Ovinos do Vale do Guaporé (ACOVALE) destacando o ponto de vista da associação em relação a cadeia produtiva da ovinocultura. Os dados obtidos foram convertidos em percentuais e posteriormente em gráficos, através do programa Microsoft Excell do Windows®. Segundo os dados coletados evidenciou-se que para todos os produtores entrevistados a ovinocultura não é a principal fonte de renda. Os rebanhos são pequenos (60% possuem entre 31 e 60 animais), e sem melhoramento genético, pois na maioria dos casos os animais são sem raça definida ou mestiços, porém abatem precocemente. Os produtores consideraram que o maior entrave que enfrentam é a comercialização dos animais (54% dos entrevistados), sendo que alguns justificaram que juntamente com a comercialização, o abate também é um dos maiores problemas enfrentados (22%). A maioria dos produtores (98%) abate sua produção na propriedade, caracterizando a informalidade, alegando falta de opção (72%), ou seja, justificam que não há outra opção de local para abater, não há um frigorífico ou abatedouro local ou nas proximidades, e a maioria não tem interesse em buscar parceria com outros frigoríficos, principalmente pela distância e baixa remuneração. Para a ACOVALE, os produtores não demonstram muito interesse na criação devido ao baixo preço do valor pago pelo kg do preso vivo do animal, além de não haver a possibilidade de implantação de um frigorífico para pequenos ruminantes neste município. Desta forma, para que ocorra estruturação na cadeia da ovinocultura na região do Vale do Guaporé, é necessário que todos esses entraves sejam resolvidos. Somente quando todos esses elos estiverem unidos e organizados será possível fazer da ovinocultura a principal fonte de renda do produtor rural.

Palavras-chaves: Comercialização. Lucratividade. Ovinos. Pontes e Lacerda.

ABSTRACT

With the objective of analyzing the characteristics of sheep production in the Vale of Guapore southwestern state of Mato Grosso, there was a questionnaire which was applied to fifty sheep farmers in the region. The questionnaire contained ten questions covering the characteristics of production and marketing of animals. Where it was also applied to the President of the Association of Sheep Breeders Valley Guapore (ACOVALE) highlighting the views of the association in relation to sheep production chain. The data were converted into percentages and graphs later on, through the program Excell Microsoft Windows ®. According to the data collected showed that for all the sheep farmers interviewed is not the main source of income. The herds are small (60% have between 31 and 60 animals), and no genetic improvement, since in most cases the animals are breed or crossbreed, but slaughter early. Producers felt that the biggest obstacle they face is the marketing of animals (54% of respondents), with some justified that with the marketing, slaughter is also one of the biggest problems (22%). Most producers (98%) slaughter their production on the property, featuring informality, claiming lack of choice (72%), ie, explain why there is no other local option to abate, there is a refrigerator or a local slaughterhouse or in nearby, and most have no interest in seeking partnership with other refrigerators mainly by distance and low pay. For ACOVALE, the producers did not show much interest in the creation due to the low price of the amount paid by the prisoner kg live animal, and there is no possibility of the deployment of a refrigerator for small ruminants in this county. Thus, to occur in the chain structure of sheep in the Vale of Guapore, it is necessary that all these obstacles are resolved. Only when all these links are united and organized will be possible to make the sheep the main source of income to the farmer.

Keywords: Comercialization. Pontes e Lacerda. Profitability. Sheep.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	12
2.1 IMPORTÂNCIA SÓCIO-ECONÔMICA DA OVINOCULTURA	12
2.1.1 Lã	12
2.1.2 Carne	13
2.1.3 Pele	14
2.1.4 Leite	14
2.2 OVINOCULTURA NO MUNDO E NO BRASIL	15
2.3 OVINOCULTURA NO MATO GROSSO	17
2.3 PRODUÇÃO DE CARNE OVINA DE QUALIDADE	18
2.3.1 Alimentação	19
2.3.2 Manejo	20
2.3.2.1 Manejo sanitário	20
2.3.2.2 Manejo das instalações	21
2.3.3 Raças e cruzamentos	21
2.4 PRINCIPAIS ENTRAVES NA CADEIA PRODUTIVA DE OVINOS	24
3 MATERIAL E MÉTODOS	26
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
4.1 A OVINOCULTURA É A PRINCIPAL FONTE DE RENDA?	28
4.2 PRINCIPAIS PROBLEMAS ENFRENTADOS PELOS PRODUTORES	29
4.3 NÚMERO DE ANIMAIS NO REBANHO	30
4.4 RAÇAS OVINAS UTILIZADAS	31
4.5 IDADE MÉDIA DOS ANIMAIS AO ABATE	32
4.6 LOCAL DE ABATE E JUSTIFICATIVAS	33
4.7 RELACIONAMENTO DOS CRIADORES COM A ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES DE OVINOS DA REGIÃO	35
4.8 PARCERIAS COM FRIGORÍFICOS	36
4.9 VISÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DE OVINOS (ACOVALE)	36
4.9.1 A associação ACOVALE	37
4.9.2 Visão da ACOVALE no interesse dos associados pela criação de ovinos	37
5 CONCLUSÕES	38
REFERÊNCIAS	39

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos produtores	47
APÊNDICE B– Questionário aplicado a ACOVALE.....	50

1 INTRODUÇÃO

A ovinocultura é uma atividade milenar, que ao longo dos anos espalhou-se por quase todas as regiões da terra (SIQUEIRA, 2007), sendo uma das primeiras espécies de animais domesticada pelo homem (VIANA, 2008). Nos países pobres, representa o sustento das populações desfavorecidas propiciando significativo retorno econômico e servindo de alimento de origem animal (SIQUEIRA, 2001).

Durante muitos anos, a criação de ovinos e caprinos no Brasil foi classificada como atividade secundária pelos produtores rurais (PAULA, 2011), porém, nos dias atuais, dado às condições edafoclimáticas (topografia, temperatura e umidade) favoráveis, a vasta extensão territorial, a mão de obra de baixo custo, o rebanho expressivo, entre outros, a ovinocultura encontra-se em pleno crescimento como uma das opções de agronegócio (GOUVEIA; HADDAD; RIBEIRO, 2006; MADRUGA et al., 2005)

Além dos fatores citados anteriormente, o aumento do consumo e a valorização dos preços da carne também tem propiciado a ovinocultura uma grande expansão (POLL et al., 2011). Porém Sório (2009) destaca que apesar do crescimento, o consumo de carne ovina ainda é baixo e este índice se deve a falta de hábito do consumidor, irregularidade da oferta, má qualidade do produto exposto à venda e má apresentação comercial do produto oferecido no mercado interno.

Os baixos níveis de produtividade da imensa maioria dos rebanhos ovinos são oriundos principalmente de propriedades de pequeno porte, além disso, segundo Silva et al. (2007) todo sistema de produção apresenta alguns pontos de estrangulamento importantes e que devem ser bem conhecidos e controlados para otimizar e tornar a atividade viável. A alimentação, sanidade, manejo, genética, reprodução e mercado são pontos importantes para uma criação de sucesso (QUADROS, 2005).

A descapitalização e o baixo nível de escolaridade também são refratários às inovações tecnológicas resultando em altos índices de abates clandestinos, sem o devido controle sanitário. Com isso, o criador disponibiliza seu produto sem valor agregado, comprometendo o consumo entre os segmentos mais exigentes do mercado que seria o consumidor (LEITE, 2007).

Desta forma, para conquistar o mercado de carne ovina, o produtor terá que satisfazer os pré-requisitos de aumento de produtividade e da melhoria da qualidade dos produtos, pontos esses difíceis de serem alcançados, porém possíveis de serem atingidos, desde que trabalhados simultaneamente com a melhoria nos padrões de gerenciamento de suas unidades produtivas e

com uma maior articulação entre os diversos componentes da cadeia produtiva (GUIMARAES FILHO; ATAIDE JUNIOR, 2009). A produção deve estar aliada com a qualidade para atender a um mercado cada vez mais exigente. Assim o papel mais importante é melhorar a cadeia produtiva, ou seja, predispor a atividade dentro e fora da propriedade (SANTOS, 2004).

Ter o conhecimento de todos os elos da cadeia produtiva de ovinos é um fator extremamente importante para entender quais são os entraves que impedem a evolução da mesma. O produtor é um dos elos mais importantes da cadeia, e que muitas vezes não recebe a devida atenção. Desta forma, entender a realidade do produtor e a forma como os ovinos são produzidos, pode fazer a diferença no desenvolvimento da ovinocultura de forma economicamente viável.

Diante do cenário da ovinocultura, objetivou-se analisar as características da produção de ovinos na região do Vale do Guaporé, região Sudoeste do Mato Grosso, por meio de questionário aplicado aos produtores rurais e a associação dos criadores de ovinos, na tentativa de diagnosticar os principais entraves na produção, e propor soluções.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A cadeia produtiva é na verdade, o somatório de todos os agentes que interagem e interferem na obtenção de um produto final, afetando desde o começo de sua produção até sua conclusão quando esse produto é colocado no mercado (COSTA et al., 2011).

Entre as cadeias produtivas pecuárias, a ovinocultura se destaca como uma criação que vem se desenvolvendo em grande potencial e se tornando uma das alternativas do setor pecuário que tem se mostrado em pleno desenvolvimento, porém os seus aspectos produtivos ainda não se encontram organizados (SANTOS, 2002).

Dentre os vários obstáculos na produção ovina é necessário ter atenção redobrada em pequenos pontos que podem fazer a diferença na lucratividade final, sendo o produtor a principal ligação entre a produção e a lucratividade (COSTA, 2007).

2.1 IMPORTÂNCIA SÓCIO-ECONÔMICA DA OVINOcultura

A ovinocultura foi uma das primeiras explorações animais praticada pelo homem, a qual proporciona até os dias atuais alimento em forma de carne e leite e de por meio da lã e da pele (SILVA SOBRINHO, et al. 1996). Essa criação vem se destacando nos últimos anos devido suas características de alta lucratividade e rápido giro financeiro, além disso, a atividade pode ocupar o espaço deixado por outras atividades agropecuárias, viabilizar pequenas propriedades, utilizar áreas com relevo impróprio para uso de outros ruminantes ou mesmo ser a atividade principal dentro de uma grande empresa rural (FARIAS; MORAIS; GUIMARÃES, 2004).

Segundo Ribeiro (2008) muitas foram as mudanças ocorridas na ovinocultura nos últimos tempos, tanto nos aspectos de produção quanto de comercialização. Essas mudanças são estimuladas pela variação positiva na visão dos produtores e no aumento do consumo de seus derivados como a lã, a carne, a pele e o leite (MANTOVANI, 2010).

2.1.1 Lã

No século XVIII, os ovinos eram criados com vistas à produção de lã que era fiada e tecida dentro das propriedades, para a confecção de ponchos e cobertores que eram usados para comércio e para uso familiar nas regiões do sul (VIANA; WAQUIL; SPOHR, 2010).

Com o tempo, a lã passou a ser chamada de “Ouro branco”, transformando-se no quarto produto mais importante para o comércio do Rio Grande do Sul (BOFILL, 1996).

À medida que materiais sintéticos passaram a compor boa parte das necessidades da indústria têxtil, oferecendo matéria-prima mais economicamente viável e de fácil adaptação às exigências do mercado, começou a ocorrer um declínio desta atividade econômica (CALVETE; VILLOWOCK, 2007). Com a crise da lã os criadores diminuíram os rebanhos, buscaram alternativas de rentabilidade aumentando os cruzamentos e os plantéis das raças especializadas na produção de carne (RIBEIRO, 2008). Devido o fraco crescimento mundial a ovinocultura de corte se tornou uma excelente oportunidade de negócio, atraindo milhares de produtores (RODRIGUES, 2011).

2.1.2 Carne

O consumo de carne ovina ainda é limitado em comparação a outros produtos de origem animal (VIANA, 2008). No Brasil, a carne de ovinos está deixando de ser consumida apenas nas estâncias gaúchas e no sertão nordestino, passando a ser consumida, principalmente, nos grandes centros urbanos (FRESCURA et al., 2005).

Mas apesar do crescimento da produção de carne ovina nos últimos anos, o Brasil realiza importações de carne ovina, principalmente do Uruguai, para abastecer o mercado consumidor, visto que a oferta de carne ainda é insuficiente (VIANA, 2008). Segundo Madruga (2005) essa insuficiência de abastecer o próprio mercado ocorre devido à produção de carne com alto padrão de qualidade ainda ser difícil de ser encontrada. Essa maior demanda de consumo da carne ovina indica que esta carne tem um excelente potencial para se tornar um produto substituto da fonte de proteína animal no mercado (VIANA; SILVEIRA, 2009). Segundo Paulo Afonso Schwab, presidente da Associação Brasileira de Criadores de Ovinos, estudos comprovam que o setor pode obter o mesmo sucesso internacional das carnes bovina, suína e de aves, porém abastecer o mercado interno deve ser a primeira meta (POLL et al., 2011).

O governo federal em parcerias com instituições de alguns estados e municípios apoia essa evolução na ovino-caprinocultura, e um desses mais recentes projetos é o incentivo financeiro e educacional para a população jovem começar sua criação, através de cursos básicos, doação dos primeiros lotes de animais e a compra de cerca de 30% de sua produção para o uso na própria merenda escolar municipal (GOMES, 2009).

Outro fator importante necessário para incentivar a comercialização é a divulgação. O “marketing” da qualidade típica da carne ovina, pelo seu sabor diferenciado e sua qualidade nutritiva pode promover um aumento no consumo em regiões não tradicionais o que pode ocasionar um incremento considerável em sua demanda favorecendo então a melhora da cadeia produtiva (OLIVEIRA, 2005).

2.1.3 Pele

A pele dos ovinos pode ser considerada como um importante produto da ovinocultura, podendo alcançar até 30% do valor total do animal devido à alta qualidade, resultante de sua flexibilidade, resistência e principalmente pela maciez, permitindo o seu uso em diversos produtos manufaturados (SOUSA; AQUINO; ROCHA, 2007).

A qualidade da pele dos ovinos é diferenciada entre ovinos lanados e ovinos deslanados, a pele dos ovinos deslanados é mais requisitada e, conseqüentemente, alcançam valores internacionais maiores, diferentemente da pele dos ovinos lanados que apresentam uma menor procura, pois são mais requisitadas para confecções destinadas a regiões de baixas temperaturas (FURLANETTO, 2008).

As peles já tiveram preços atraentes, mas nos dias atuais a substituição por produtos sintéticos vem ocorrendo, estes por sua vez, estão correspondendo à metade do preço do couro natural. Essa mudança no uso do couro natural pelo sintético muitas vezes ocorre devido à má qualidade da pele, que pode muitas vezes ser resolvido com a transferência de tecnologias simples, como o uso de faca rombuda ou simplesmente a conservação da pele na forma salgada, fatores esses que já seriam suficientes para melhorar a qualidade da pele e a remuneração do produtor (XIMENES; CUNHA, 2012)

Mesmo com a introdução dos materiais sintéticos o couro ovino ainda é considerado por muitos como o melhor couro do mundo, sendo muito valorizado no mercado externo devido à ótima flexibilidade e alta resistência (SILVA SOBRINHO, 1997).

2.1.4 Leite

A importância da produção do leite ovino decorre da evolução da ovinocultura como alternativa de produção e rendimentos para o pequeno, médio e grande produtor rural (CORRÊA et al., 2006).

Esta atividade é relativamente nova em alguns países e tradição em outros, porém a ovinocultura leiteira evidencia uma deficiência de novas tecnologias e trabalhos científicos ligados à sua produção (SÁ et al., 2005).

O valor nutritivo do leite ovino é indiscutível, pois em comparação com o leite de outras espécies (Tabela 1) é o que apresenta os maiores teores de proteína, lipídios, minerais e vitaminas essenciais para a saúde humana (GRIEBLER, 2012).

Tabela 1- Composição química do leite de ovelha em comparação com o leite de vaca

Nutrientes	Unidade	Vaca	Ovelha
Matéria Seca	Porcentagem	11,68	19,31
Calorias	Kilocaloria	60	108
Proteínas	Porcentagem	3,22	5,98
Gordura	Porcentagem	3,25	7,0
Lactose	Porcentagem	4,52	5,36
Cinzas	Porcentagem	0,69	0,96
Minerais			
Cálcio	Miligramma	113	193
Ferro	Miligramma	0,03	0,10
Magnésio	Miligramma	10	18
Fósforo	Miligramma	91	158
Potássio	Miligramma	143	137
Sódio	Miligramma	40	44
Zinco	Miligramma	0,4	0,54
Cobre	Miligramma	0,011	0,046
Manganês	Miligramma	0,003	0,018
Selênio	Micrograma	3,7	1,7

Fonte: USDA (2006) apud Emediato (2010)

Os primeiros ovinos com aptidão leiteira foram trazidos ao Brasil em 1992 nas regiões do sul, porém seu uso *in natura* não foi muito aceito no país, no entanto, algumas características permitiram transformá-lo em produtos derivados de elevado valor comercial e nutricional, como iogurtes, sorvetes, bebida láctea e doce de leite, que adquiriram o status de iguaria da gastronomia mundial, permitindo atingir altos preços de mercado (BRITO et al., 2006; PELLEGRINI, 2012).

2.2 OVINOCULTURA NO MUNDO E NO BRASIL

Segundo Jardim (1973), os ovinos foram um dos primeiros animais domesticados pelo homem e a maioria dos autores reconhece que os ovinos domésticos são originários da Europa e das regiões frias da Ásia. Com a evolução a ovinocultura se tornou uma atividade

econômica explorada em todo o mundo estando presente em praticamente todos os continentes da terra (VIANA, 2008).

Em boa parte dos países de terceiro mundo, os ovinos e caprinos são esteios da própria civilização, os exemplos de sucesso na exploração ovina são encontrados em todo o mundo, sendo que na Austrália, Nova Zelândia, Israel, Estado Unidos, Canadá e em grande parte dos países Europeus a atividade ovina é bem consolidada e nesses países os produtores têm certeza de que vão produzir carne, lã, pele ou leite de qualidade e vão ser bem remunerados (SANTOS, 2004).

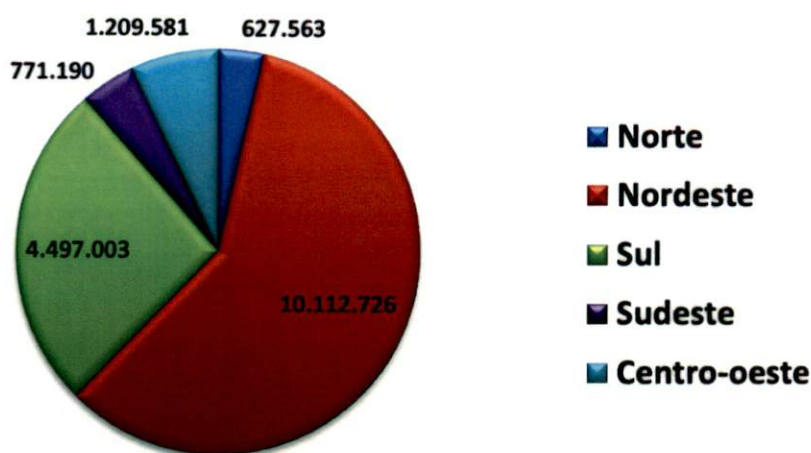
Na maioria dos outros países a ovinocultura é desenvolvida de forma empírica e extensiva, com baixos níveis de tecnologia (VIDAL et al., 2006). No Brasil, a ovinocultura teve início nos anos 80 no estado do Rio Grande do Sul com atividade principal em produção de lã, e quando a lã passou pelo período de desvalorização ocorreu uma diminuição do rebanho ovino no estado, esse fator favoreceu a produção de corte se adequando às necessidades do mercado nacional (SILVEIRA et al., 2007; LARA et al., 2013).

Com essa nova oportunidade de agronegócio, a região nordeste do Brasil investiu na ovinocultura, aumentando significativamente com a introdução de raças especializadas e adaptadas para elevar a produtividade do rebanho, se tornando então o maior produtor de ovinos e caprinos do país (RIBEIRO et al., 2007). Porém, em outras regiões do país, muitos produtores vêm procurando diversificação de mercado e estão adotando a ovinocultura como uma opção viável e lucrativa.

Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BRASIL, 2012) evidenciam um rebanho ovino nacional de aproximadamente 17.668.063 animais, estes espalhados por diversas regiões do país, sendo que a Região Nordeste é a que apresenta maior rebanho, seguindo a região Sul e Centro-Oeste (Gráfico 1).

O mercado da carne de ovinos e caprinos no Brasil é altamente difundido e a atividade vem se desenvolvendo rapidamente em todas as regiões do país (COUTINHO, 2007). O centro-oeste e o nordeste são regiões caracterizadas por longos períodos de seca, que favorecem a criação de ovinos deslanados, pois estes representam a maior parte do rebanho nacional de ovinos (RIBEIRO, et al. 2007).

Além disso, ainda na região centro-oeste devido às características de grandes áreas de pastagem com solos de média a baixa fertilidade (típicas de cerrado), propicia aos animais condições de pastejo consorciados com a bovinocultura de corte o que resulta em melhores resultados no avanço da cadeia produtiva (CUNHA et al., 2008).

Gráfico 1 – Rebanho ovino nas regiões do Brasil

Fonte: Adaptado de Brasil (2012)

Segundo Costa et al. (2011), as criações com fins comerciais são pouco frequentes na região centro-oeste, predominando a exploração mais tradicional para consumo interno e comercialização do excedente, mas com essas mudanças no hábito populacional isso se encontra em plena mudança.

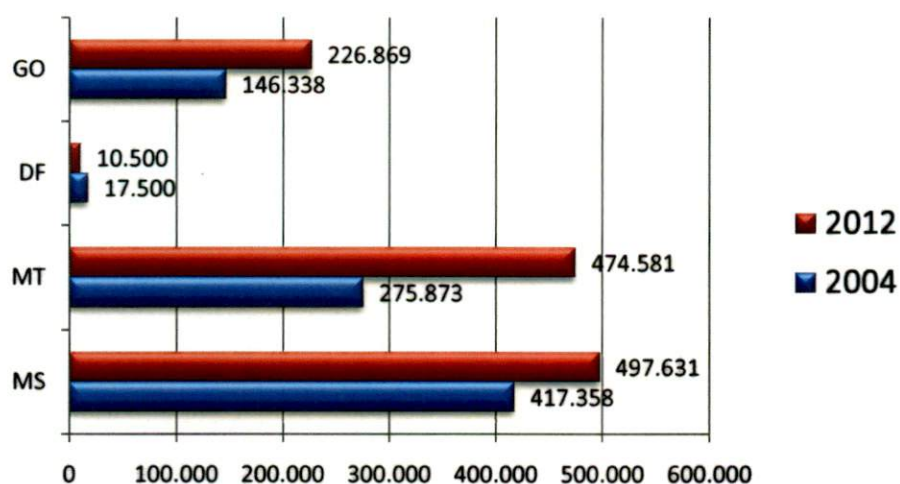
Desta forma, a ovinocultura com toda essa evolução vem se colocando como mais uma alternativa à disposição do pequeno, médio e grande produtor rural sendo capaz de se adaptar a diversas técnicas de produção e diversas regiões do país bastando apenas à atenção do produtor para suas exigências (SIQUEIRA, 2007).

2.3 OVINOCULTURA NO MATO GROSSO

Dentre os estados que constitui o centro-oeste, o estado de Mato Grosso tem se destacado na criação de ovinos de tal forma que é considerado um dos mercados mais expansivos (ALVES, 2013).

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (Gráfico 2), o estado de Mato Grosso do Sul (MS) e Mato Grosso (MT) são líderes na criação de ovinos no centro-oeste, porém no estado de MT houve o aumento de 147,54% no rebanho ovino entre os anos de 2004 á 2012 (BRASIL, 2004; BRASIL, 2012).

Com esse aumento no interesse pela produção ovina e o deslocamento da atividade para regiões como Mato Grosso, é importante tentar manter esse crescimento atendendo assim a demanda de produção (GOUVEIA; ESPESCHIT; TARTARI, 2009).

Gráfico 2 – Evolução do rebanho ovino na região Centro Oeste do Brasil

Fonte: Adaptado de BRASIL (2004); BRASIL (2012).

Os produtores de Mato Grosso estão se organizando em cooperativas, associações e núcleos que facilitam a escoamento da produção, através de parcerias com produtores de outros estados que comprem os animais para confinar (BARSANTE, 2011). Esse tipo de parceria faz com que a cadeia produtiva ovina esteja mais próxima de se consolidar no estado, mas a formação de parcerias e contratos por parte da organização, com produtores e distribuidores e/ou pode ser problemática dependendo da boa vontade e senso de cooperação dos participantes (SILVEIRA et al., 2007).

2.3 PRODUÇÃO DE CARNE OVINA DE QUALIDADE

Um produto de qualidade deve satisfazer plenamente as expectativas que o consumidor pretende encontrar no mesmo, ou seja, um alimento sadio, nutritivo e agradável ao paladar (ROTA et al., 2004).

Produzir carne ovina de qualidade é uma atividade que apresenta grande perspectiva para o comércio, no entanto, não é fácil, pois os elos que devem ser juntados para que a carne ovina seja de qualidade são muitas vezes desconhecidos ou inaceitáveis ao produtor (SILVA SOBRINHO et al., 1996), sendo dependentes de diversos fatores relacionados a produção como a alimentação dos animais, manejo e raças utilizadas.

2.3.1 Alimentação

A alimentação é um segmento de grande importância na racionalização e na rentabilidade dos sistemas de produção dos ovinos. O consumo de alimentos deve atender de forma adequada as suas necessidades de manutenção, desenvolvimento, gestação e produção, portanto, quando os ovinos recebem uma alimentação de boa qualidade, crescem mais rápido, produzem mais cedo e tornam-se mais produtivos (SOUZA JÚNIOR et al., 2004).

Perassoli (2013) comenta em um dos seus trabalhos que a nutrição é muito importante para manter o rebanho saudável e garantir a rentabilidade da produção. Quando a nutrição animal se encontra adequada para atingir a exigência de cada fase, os resultados são de animais abatidos precocemente com carne de extrema qualidade, isso por sua vez favorecerá o produtor com a diminuição dos custos de produção e uma maior remuneração pelo produto (SILVA SOBRINHO et al., 1996).

Dos manejos alimentares a alimentação em pasto é ainda a forma mais prática e econômica de se fornecer nutrientes para os animais herbívoros (OLIVEIRA et al., 2011). Carnevalli et al. (2001) avaliaram desempenho de ovinos e as respostas de pastagens de Coastcross (*Cynodon* spp.) com quatro alturas de pasto (5, 10, 15 e 20 cm), em regime de lotação contínua, e observaram que o ganho de peso por animal e por área é fortemente influenciado pela disponibilidade diária de forragem e pela capacidade de carga dos pastos. Os autores destacaram ainda que o valor nutritivo da pastagem é consequência da proporção de folhas e a disponibilidade de forragem deste capim aumenta com o aumento da altura do pasto, e os pastos mantidos a 5cm de altura proporcionam consumo limitado além dos ovinos obterem níveis maiores de desempenho individual quando se tem maiores disponibilidades de forragem atingidas em decorrência do aumento das taxas de acúmulo de matéria seca, então fica claro que pastos mantidos mais baixos apresentam maior capacidade de carga animal, e, consequentemente, melhor nível de utilização dos pastos.

Os ovinos são muito seletivos e preferem plantas de qualidade superior por isso é muito importante manter os animais em pastagens de boa qualidade, mas se isso não for possível é necessária a utilização de suplementação (REIS, 2010).

A suplementação é extremamente importante em todas as fases de produção, portanto, para completar a alimentação dos caprinos e ovinos e atender as exigências de cada fase de produção os suplementos minerais, proteicos e energéticos são de fundamental importância (CAVALCANTE et al., 2005).

Quando a necessidade se volta para a precocidade no abate, somente a suplementação não seria suficiente, a introdução da desmama precoce, com recria e terminação dos cordeiros em regime de confinamento são essenciais, porém esse sistema requer maiores investimentos e uma maior atenção às exigências nutricionais dos animais (SILVA SOBRINHO, 1997).

2.3.2 Manejo

Os manejos se constituem nas práticas gerais na criação dos animais incluindo o gerenciamento zootécnico, e destacando-se os manejos que visam à produção de carne de boa qualidade (QUADROS; VIERA, 2013). Um bom regime de manejo é importante para que se possa viabilizar a produção sem que ocorram grandes perdas (BARROS; SIMPLÍCIO, 2001).

Os manejos utilizados devem buscar não estressar os animais e nem machucá-los para que esteja em concordância com as normas de bem estar animal (SOUZA, 2005).

2.3.2.1 Manejo sanitário

Segundo Saueressing (2012) a sanidade deve encabeçar a lista de prioridades de qualquer produtor que busque a rentabilidade de seu rebanho. Como o adequado manejo sanitário do rebanho está relacionado diretamente com a obtenção de sucesso na sua exploração, é necessário por tanto, o conhecimento prévio de práticas de manejo adequadas bem como as condições fisiológicas normais dos animais (OLIVEIRA et al., 2001 apud TEIXEIRA et al., 2008). Este manejo sanitário deve ser rígido, principalmente no que se refere às vacinações e o controle das verminoses (QUADROS; VIEIRA, 2013).

Dentre as práticas de manejo sanitário mais utilizada estão a vermifugação e a vacinação do rebanho, já as menos realizadas são a limpeza e a desinfecção das instalações (ALENCAR et al., 2010).

A revisão constante dos animais, separando os doentes, o fornecimento de suplementação e água de qualidade, limpeza das instalações e equipamentos usados no manejo dos animais, fazer o uso de quarentena para os animais adquiridos e introduzidos no rebanho são medidas essenciais para um bom manejo sanitário (SANTOS, 2004).

Fava et al. (2003) observaram que a implantação de um programa sanitário em um rebanho bovino leiteiro, cujas medidas preventivas consistiram no controle de trânsito de bovinos, inseminação artificial com sêmen livre de patógenos e monitoramento semestral

das enfermidades, possibilitou a prevenção de doenças o que confirma relatos de outros autores.

2.3.2.2 Manejo das instalações

O manejo das instalações dependerá inicialmente com a escolha da melhor instalação, baseada no manejo que irá ser usado com os animais, o número de animais que serão utilizados, tipo de exploração do rebanho e as condições financeiras do produtor (SILVA SOBRINHO, 1997).

Segundo Santos (2004), as instalações devem atender os sistemas de produção sendo intensivo ou extensivo com ou sem unidades para ordenha, manejo dos animais, currais, galpões e se fizer uso de confinamentos, instalações para o mesmo. A boa instalação deve ser sinônimo de bom manejo e deve atender a dez requisitos essenciais:

1. Abrigar adequadamente os animais, com conforto e segurança;
2. Ser prática, funcional e de fácil limpeza;
3. Ser resistente e duradoura;
4. Facilitar a produção higiênica de leite, ou facilitar a engorda dos animais;
5. Conter e manter adequadamente os animais;
6. Ser arejada, mas protegida de ventos e umidade;
7. Proteger contra variações climáticas;
8. Ser espaçosa e racionalmente dividida;
9. Estar em local de fácil acesso, com facilidade de água e energia elétrica;
10. Ser de custo adequado e de baixa manutenção.

Quando o manejo atender a todos estes quesitos todo processo será facilitado.

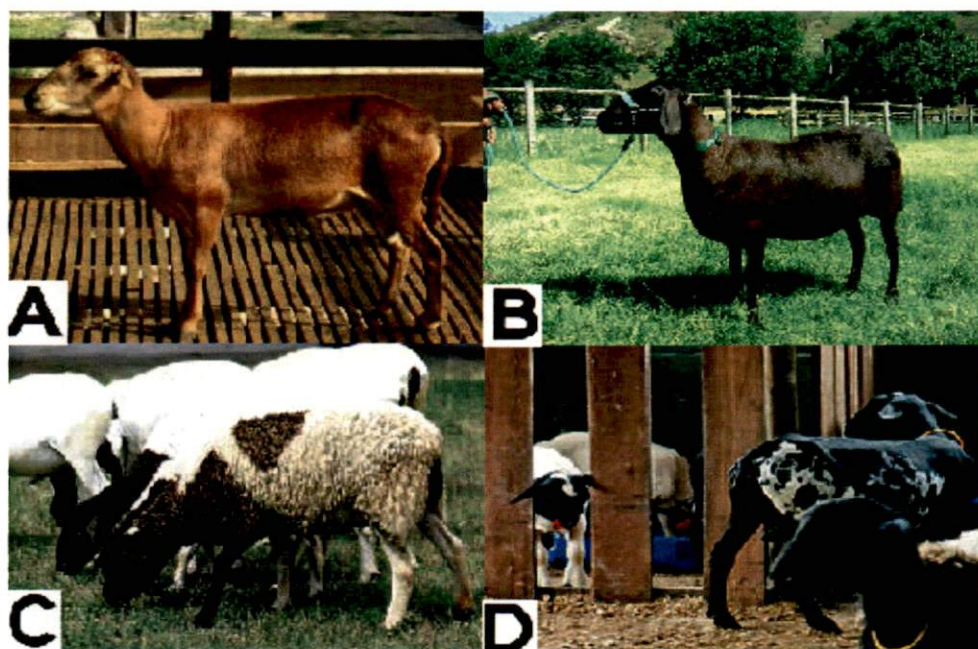
2.3.3 Raças e cruzamentos

No mundo existem inúmeras raças ovinas, podendo ser lanadas e deslanadas, porém para a introdução de uma raça é necessário conhecer suas características de adaptação para cada região (SANTOS, 2004). Destaca-se que a escolha de raças adequadas às condições ambientais locais é um dos fatores preponderantes para o sucesso de um sistema de criação economicamente viável (BARBOSA et al., 1995).

A diversidade de raças de ovinos existentes no Brasil é um valioso recurso para o desenvolvimento da ovinocultura, que podem ser incrementadas a produção através de estratégias de cruzamentos (SOUZA et al., 2008).

Os animais sem raça definida (SRD- Figura 1D) e mestiços (Figura 1C) ainda são muito utilizados na criação de ovinos em pequenas propriedades, mas o incentivo de introdução de raças para determinadas aptidões vem sendo bastante difundida com a intenção de mudar a visão do pequeno e médio produtor para a importância de se ter uma raça definida tanto materna quanto paterna (ALMEIDA, 2011). Siqueira (2001) relata que no Brasil duas raças se destacam devido a grande adaptabilidade ao clima tropical brasileiro e a grande resistência a parasitas, sendo elas Morada Nova (Figura 1A) e Santa Inês (Figura 1B).

Figura 1 – Ovinos das raças Morada Nova (A) e Santa Inês (B), mestiços (C) e SRD (D).



Fonte: (A) - http://www.caprileite.com.br/img_adm/racas_27012009111402_maxi.JPG;
 (B) <http://estancia.valelomoXuara.com.br/images/meta/0521bef3-7804-49bb-8376-3ed2c86ee899/474d6e75-f6e0-4ac3-b9e2-af8b963c8acc/84.jpg>;
 (C) - http://www.caprileite.com.br/img_adm/racas_27012009111402_maxi.JPG;
 (D) - <http://revistadinheirorural.terra.com.br/media/images/raw/2011/08/01/img-292257-fotos-marco-ankosqui.jpg>

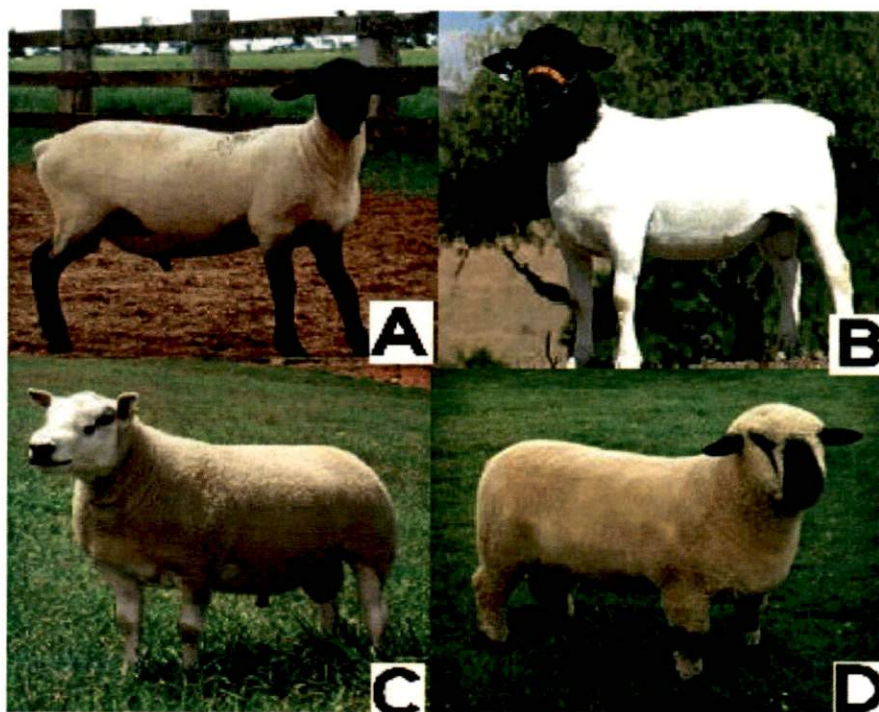
Existem ainda outras raças utilizadas no Brasil e que são muito visadas para cruzamentos, entre elas se destacam as raças Suffolk (Figura 2A), Dorper (Figura 2B), Texel (Figura 2C) e Hampshire (Figura 2D) (LORO, 2011).

Como nos dias atuais o mercado consumidor está exigindo o abate de animais jovens com carcaças de maior tamanho, mais pesadas, musculosas, com pouca gordura e textura mais

Caprinha

macia é imprescindível o uso do cruzamento industrial, pois nesse processo são utilizadas raças especializadas, obtendo como resultado produtos que podem suprir tal demanda (MACHADO; SIMPLÍCIO, 1998). Carneiro et al. (2007) confirmam que uma das formas de se aumentar a capacidade produtiva dos rebanhos ovinos, com o propósito de atender às necessidades do mercado é o uso do cruzamento entre raças.

Figura 2 – Ovinos das raças Sulffolk (A), Dorper (B), Texel (C) e Hampshire (D).



Fonte: (A) - http://correiogourmand.com.br/images/cg_cordeiro_030_200y.jpg;
 (B) http://correiogourmand.com.br/images/cg_cordeiro_026_200y.jpg;
 (C) http://correiogourmand.com.br/images/cg_cordeiro_029_200y.jpg;
 (D) http://correiogourmand.com.br/images/cg_cordeiro_027_200y.jpg

As combinações usadas no cruzamento visam atender as expectativas do produtor com bons resultados. Entre os cruzamentos se destacam o simples ou industrial, que é realizado entre duas raças, o cruzamento contínuo ou absorvente que visa substituir uma raça ou mestiço pelo uso contínuo de reprodutores e produz animais conhecidos como puro por cruza e os cruzamentos *tricross* e *criscross* com o uso de animais F1 (SANTOS, 2004).

A raça ou grupo genético a ser usado nos cruzamentos é um aspecto de grande importância para o sucesso do agronegócio e deve ser realizada uma criteriosa avaliação das características voltadas ao objetivo da exploração e as condições do meio ambiente, lembrando que não existe uma raça superior e sim aquela que melhor adéqua às condições da propriedade (OLIVEIRA et al., 2011).

2.4 PRINCIPAIS ENTRAVES NA CADEIA PRODUTIVA DE OVINOS

Apesar do crescente interesse pela ovinocultura, enquanto a cadeia produtiva não se consolida, os produtores enfrentam em suas produções algumas dificuldades, tais como a falta de frigoríficos, baixo consumo, alto preço de reprodutores, pouca organização da cadeia e os abates clandestinos, estes devem ser bem conhecidos e controlados para aperfeiçoar e tornar essa atividade viável (ALENCAR; ROSA, 2006; SILVA et al., 2007).

O efetivo crescimento do rebanho de ovinos sofreu pouca alteração nos últimos anos. Isso ocorre, principalmente, devido a diversos fatores que afetam negativamente a estruturação da ovinocultura no Brasil (MARSIGILIO, 2012).

Alves (2008) comenta que os principais gargalos da ovinocultura são:

- A pouca capacitação e qualificação do capital humano existente;
- O desconhecimento do sistema de produção e de custos, ou seja, não houve uma apropriação sobre as tecnologias existentes por parte da maioria dos produtores;
- A não-padronização (comprometendo a qualidade do produto final);
- Falta oferta do produto carne (*in natura*);
- Falta maior interação (comunicação) entre os agentes de instituições voltadas para a pesquisa e o desenvolvimento.

A interação entre produtores, setor privado e setor público também são imprescindíveis para a estruturação da ovinocultura e para o desenvolvimento regional através de projetos que estimulem melhorias na cadeia produtiva (VIANA; WAQUIL; SPOHR, 2010).

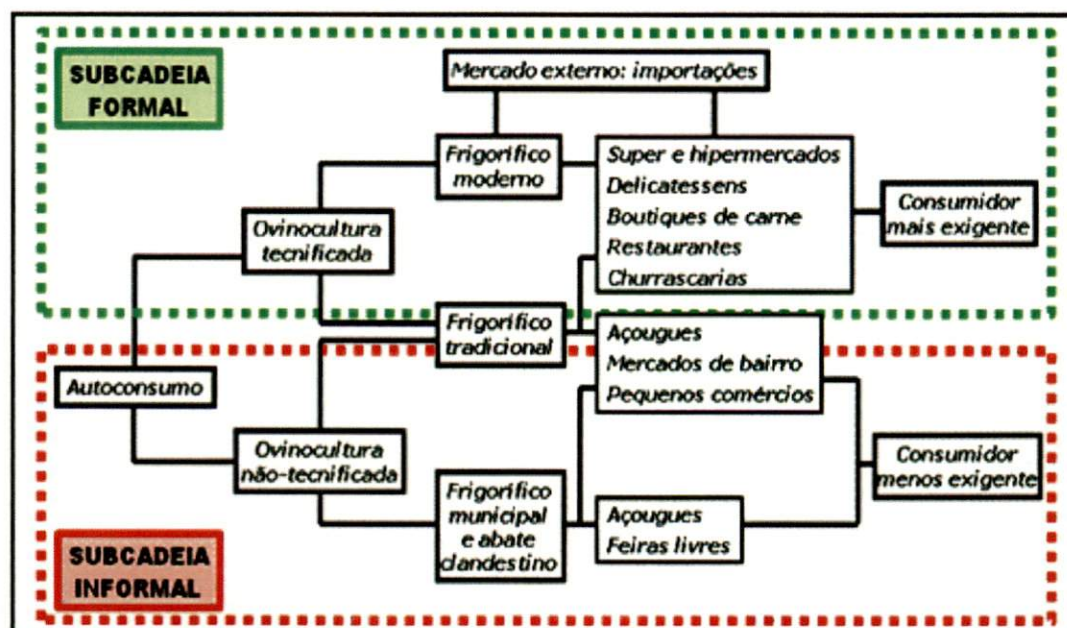
A falta de frigoríficos especializados tem dificultado o escoamento da cadeia produtiva de ovinos (HOLANDA JUNIOR; SÁ; ARAÚJO, 2013). No Brasil aproximadamente 70% dos abates de ovinos são realizados nas propriedades rurais, 20% nos matadouros e somente 10% em frigoríficos, muitas vezes realizado com poucos cuidados prejudicando a carcaça (GARCIA 2004, apud MENEZES 2009).

Segundo Souza (2010), na última década, o setor de processamento se caracterizava por apresentar baixo nível tecnológico, sanitário e comercial, com o surgimento de plantas frigoríficas especializadas com inspeção federal apenas a partir do ano de 2002 e o setor varejista predominante era baseado em açougues, pequenos comércios, mercados de bairro e feiras livres, atendendo a um perfil de consumidor de menor exigência, tanto nas pequenas cidades quanto nos grandes centros urbanos, como é possível observar no Fluxograma 1.

Como exemplo de desorganização de mercado no frigorífico de Araçatuba - SP, com capacidade de abater cerca de 2000 animais, consegue comprar cerca de 500 animais devido à

falta de animais na região, e de acordo com Santos (2002) essa falta na demanda de animais para o abate pode ser devida a falta de associações, cooperativas, orientação técnica e falta de informações tecnológicas ou até mesmo um arranjo produtivo que fortaleça essa cadeia produtiva.

Fluxograma 1- Configuração da rede agroindustrial da carne ovina e suas subcadeias



Fonte: Souza (2010)

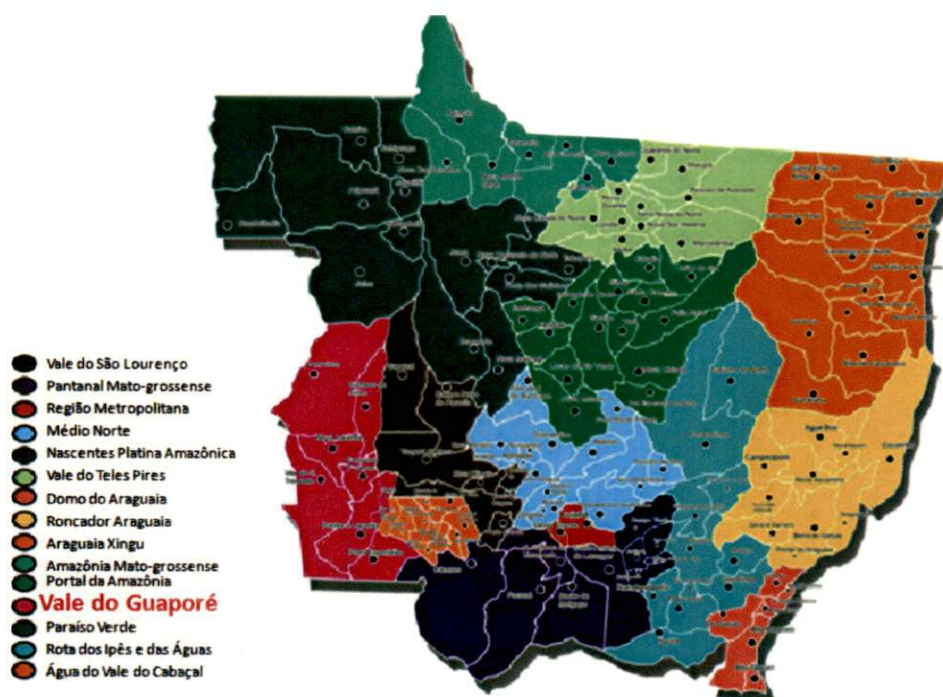
Desta forma, para se obter sucesso nesta atividade, torna-se necessário o desenvolvimento de um projeto de viabilidade econômica do empreendimento, observando que os seus impactos ambientais e sociais interferem nos resultados financeiros (GOUVEIA; HADDAD; RIBEIRO, 2006).

3 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada na região do Vale do Guaporé localizado na região Sudoeste do estado de Mato Grosso (Figura 3) nos meses janeiro, fevereiro e março de 2011. O clima predominante na região é o tropical quente e sub-úmido, com precipitação anual de 1500 mm, com intensidade máxima de chuvas em dezembro, janeiro e fevereiro, sendo que a temperatura média varia de 24° C a 38° C.

Para a coleta dos dados foram aplicados dois questionários, sendo o primeiro com treze questões a cinquenta produtores rurais que apresentam em suas propriedades a criação de ovinos (Apêndice A), no segundo questionário foram aplicadas seis questões para a presidente da Associação de Criadores de Ovinos do Vale do Guaporé (ACOVALE), senhora Marlene Bragato (Apêndice B).

Figura 3 – Mapa do estado de Mato Grosso e suas respectivas regiões, destacando a região do Vale do Guaporé



Fonte: Adaptado de <http://2.bp.blogspot.com/-oybwIHnIRi4/T0zltLwAKhI/AAAAAAAAAGxo/UVb7OYLfjw8/s1600/mapa+das+regi%C3%25B5es+turísticas++MT.png>

A pesquisa objetivou avaliar os aspectos relacionados à produção de ovinos da região do Vale do Guaporé, que abrange as cidades de Pontes e Lacerda, Nova Lacerda, Vila Bela da Santíssima Trindade, Adrianópolis, Porto Esperidião, São Domingos, Conquista D'Oeste,

Jauru, Araputanga, São José dos Quatro Marcos, Mirassol D'Oeste, Comodoro, Figueiropolis e Indavaí, com a intenção de interpretar os resultados e definir os pontos negativos e positivos da criação.

No questionário aplicado aos produtores foi obtido dos entrevistados:

- Dados pessoais;
- Número de animais no rebanho;
- Raças utilizadas na propriedade;
- Local de abate;
- Dificuldades enfrentadas;
- Aspectos relacionados ao envolvimento da associação de criadores de ovinos do Vale do Guaporé com os produtores;

No questionário aplicado a presidente da ACOVALE foi obtido:

- Os dados relacionados a abertura da associação (data da abertura, objetivo com abertura, quantidade de associados na época de abertura e as cidades em que a associação atua);
- Número de associados no decorrer da pesquisa;
- Qual é a visão da associação em relação ao interesse dos produtores em relação a ovinocultura;
- O que a associação faz para incentivar a cadeia produtiva de ovino no Vale do Guaporé.

Os dados obtidos foram dispostos em planilhas eletrônicas. Dentro de cada agrupamento, os percentuais foram calculados em relação ao número de alternativas disponíveis a cada questão formulada ou ao número de entrevistados que optaram pela alternativa em foco. Os dados foram convertidos em gráficos os quais facilitam o entendimento da situação de cada aspecto abordado nas questões. Todo o procedimento foi executado no programa Microsoft Excell do Programa Windows®.

O propósito foi gerar conhecimento sobre o tema, desenvolver hipóteses para serem testadas e aprofundadas posteriormente com a continuidade do trabalho, visando proporcionar maior familiaridade com o problema para torná-lo explícito ou para construir hipóteses e assim poder conseguir a evolução da cadeia na região.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 A OVINOCULTURA É A PRINCIPAL FONTE DE RENDA?

Segundo os dados coletados foi evidenciado que em todos os casos (100% dos produtores entrevistados) a ovinocultura não é a principal fonte de renda. Isso por que em muitos dos casos o produtor não vê a ovinocultura como uma fonte de renda, mas apenas uma criação de consumo familiar e esporádico.

Todos os produtores entrevistados associam a criação de ovinos em consorciação com outra criação ou produção e utilizam a ovinocultura apenas como criação para consumo familiar. Justificam esse fato por não evidenciarem lucratividade na produção e não notarem interesse na evolução em relação a incentivo de compra dos animais por parte de frigoríficos existentes no estado e fora dele. Além disso, os produtores reclamam também a falta de apoio do governo para incentivar a criação.

Costa (2011), após a aplicação de um questionário aos produtores rurais durante a realização do III Workshop da Pesquisa em Ovinocultura no Cerrado, em 2009, concluiu que existe uma forte ausência de organização entre os produtores, percebendo que existe uma ansiedade muito forte em relação a esse tema, e o entendimento é de que o setor ainda está desorganizado.

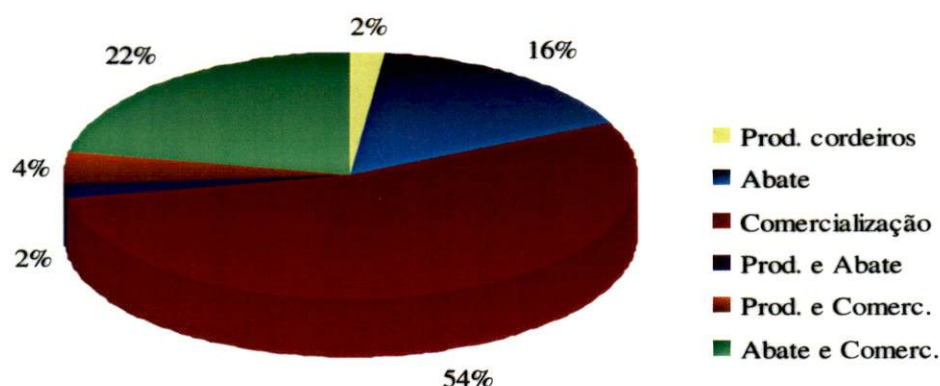
Viana e Silveira (2009) evidenciaram que a ovinocultura é uma atividade rentável em médio prazo, destacando assim, que as propriedades têm capacidade de sustentar-se a médio e longo prazo, porém não remuneram os principais custos de produção. Isso leva o produtor a optar por outra fonte de renda mais lucrativa.

Buscando a solução para a ovinocultura se tornar mais rentável, Barros e Simplício (2001) destacam que a venda de animais para outros produtores representam um aumento considerável na receita total da criação, desta forma, os produtores deveriam selecionar um percentual do rebanho para vender como matrizes ou reprodutores, pois isso resultaria em importante aumento de receita a qual poderia futuramente se tornar a fonte de renda principal do produtor. O que se pode concluir então é que a ovinocultura pode se tornar a principal fonte de renda do produtor, mesmo em longo prazo, desde que o produtor saiba manejar e conhecer a criação buscando as melhores opções que se encaixam a sua realidade.

4.2 PRINCIPAIS PROBLEMAS ENFRENTADOS PELOS PRODUTORES

Os principais problemas destacados pelos criadores de ovinos entrevistados em relação a cadeia produtiva, foram relacionados aos aspectos comercialização, abate, produção de cordeiros entre outros (Gráfico 3). Segundo os resultados obtidos nos questionários nota-se que 54% dos produtores afirmam ser a comercialização o maior entrave, sendo que alguns justificaram que juntamente com a comercialização, o abate também é um dos maiores problemas enfrentados (22%), e somente o abate, é o maior empecilho enfrentado por 16% dos produtores.

Gráfico 3 – Principais problemas enfrentados pelos criadores de ovinos da região do Vale do Guaporé, Sudoeste de Mato Grosso



Fonte: Elaborado pelo Autor

Os produtores relatam que a falta de comercialização é o principal motivo para não investir na criação, pois não há a necessidade de investir e nem de aumentar o rebanho sendo que não existe um comércio pré-determinado para adquirir os produtos oriundos desta produção (carne).

Cerca de apenas 2% dos produtores entrevistados destacam a produção como sendo o principal problema enfrentado pelos mesmos, e 8% relacionam os aspectos de produção com comercialização e abate como sendo os principais problemas. O que é notável nas respostas dos produtores entrevistados é que a comercialização e o abate são os principais problemas enfrentados pelos produtores.

Costa et al. (2011) observaram que a falta de apoio do governo e também a falta de apoio aos frigoríficos para promover seu produto, são pontos fracos da criação. O apoio dos

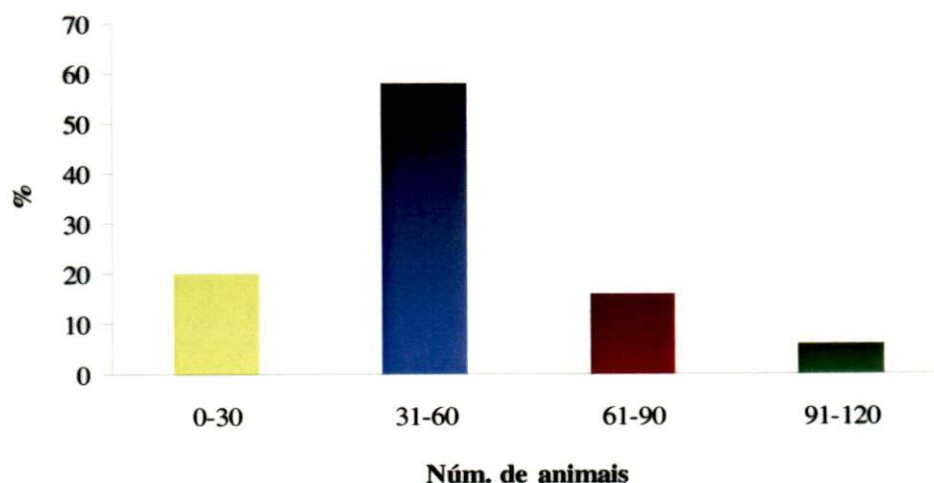
órgãos governamentais e de frigoríficos ajudaria quebrar esses entraves destacados pelos produtores entrevistados facilitando a comercialização e o abate, e por sua influenciando na produção em geral.

Segundo Siqueira (2001) o problema comercialização, que é o principal entrave na produção, vem sendo eliminado gradativamente, o que levará futuramente a uma melhora na cadeia produtiva de ovinos nos mais diversos estados brasileiros.

4.3 NÚMERO DE ANIMAIS NO REBANHO

Com relação ao número de animais encontrados no rebanho dos produtores entrevistados, observou-se que a maioria dos produtores (60%) possuem rebanhos entre 31 e 60 animais, e apenas cerca de 22% das propriedades possuem rebanhos maiores (61 á 120 animais), sendo que o restante dos produtores entrevistados (18%) possuem rebanhos de 30 animais (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Número de animais (ovinos) no rebanho dos produtores na região do Vale do Guaporé, Sudoeste de Mato Grosso



Fonte: Elaborado pelo Autor

O baixo número de animais nas propriedades entrevistadas evidencia que os produtores não visam lucratividade na criação, mas sim uma fonte de proteína animal para consumo familiar e venda esporádica.

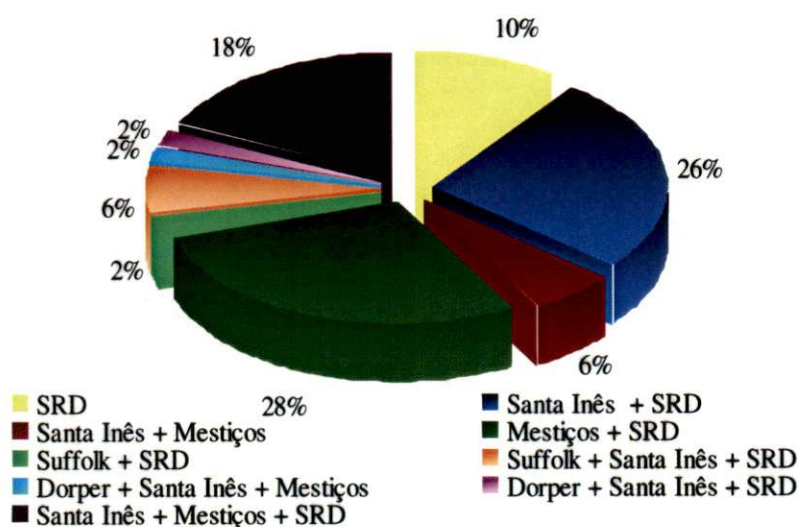
Como justificativa os produtores alegam que não tem como investir na compra de animais para aumentar o rebanho, pela falta de comercialização, sendo que os animais produzidos não são utilizados para venda comercial mas sim local (comércio informal).

Os produtores justificaram que a comercialização é o principal entrave que enfrentam na região do Vale do Guaporé, mas essa questão de comercialização pode ser decorrente ao reduzido número de animais produzidos. Em entrevista a Riveiros (2013), Costa comenta que o grande problema da produção de ovinos é a pequena quantidade de animais por propriedade, pois fica difícil levar essa pequena quantidade de animais até o frigorífico, sendo necessário então reunir os animais em uma única propriedade para que melhore a logística e seja possível levar esses animais para o frigorífico fazendo com que ocorra redução no preço do frete.

4.4 RAÇAS OVINAS UTILIZADAS

Como discutido anteriormente, existem diversas raças ovinas utilizadas no Brasil. Porém, segundo os dados coletados pelos produtores entrevistados é possível evidenciar (Gráfico 5) que animais sem raça definida-SRD, mestiços e da raça Santa Inês são utilizados por cerca de 88% dos produtores entrevistado e apenas 12% dos produtores entrevistados fazem uso de raças como Sulffok e Dorper em suas propriedades.

Gráfico 5 – Raças mais utilizadas nas propriedades rurais avaliadas da região do Vale do Guaporé, Sudoeste de Mato Grosso



Fonte: Elaborado pelo Autor

Os produtores alegam que para a criação convencional ou familiar não há a necessidade de investir em genética, pois os animais são para consumo familiar, alegam também que não há mercado para o consumo de animais de alto padrão genético devido às exigências do

consumidor da carne destes animais serem baixas. Para os produtores, o fato de não existir comercialização para frigoríficos fica inviável apostar em genética. Outra alegação é o alto valor dos animais de alta de genética disponíveis ao alcance dos mesmos.

Segundo dados evidenciados na cidade de Pontes e Lacerda durante a Exposição Agropecuária de 2012, animais reprodutores (fêmeas e machos) das raças Dorper e Texel, trazidos de Castro-PR pela Cabanha Portão Vermelho foram comercializados por valores variando entre R\$ 1000 e R\$ 3500 por animal. Esse fato esclarece porque muitos produtores não introduzem raças especializadas em seus rebanhos, devido o alto custo desses animais disponíveis a eles. Então é necessário o incentivo financeiro, comercial e de consumo para que os produtores sintam-se confortáveis em investir na criação.

4.5 IDADE MÉDIA DOS ANIMAIS AO ABATE

Segundo os dados coletados na Região do Vale do Guaporé, cerca de 50% dos produtores de ovinos abatem seus animais com 3 a 4 meses de idade, 45% com idade variando de 5 a 6 meses e somente 5% dos produtores entrevistados alegaram abater os animais entre 7 e 8 meses e 9 e 10 meses (Gráfico 6).

Para os produtores, a idade ao abate dos ovinos influenciará os parâmetros de palatabilidade e aceitabilidade, devido o fato de que os consumidores de carne optem por carnes mais macias e saborosas encontradas em animais jovens.

Outro fato que influencia na idade ao abate é o fator genético, através da qualidade de carne (maciez e gosto) que não é tão bem expressa em animais sem raça definida. Segundo Jardim et al. (2007) ovinos da raça Corriedale abatidos aos 120 dias de idade apresentaram maiores pesos de paleta e perna além de maiores quantidades de músculo e gordura em ambos os cortes. Evidenciando que a idade de abate exerce grande influência na composição tecidual e química dos cortes da paleta e da perna em ovinos Corriedale.

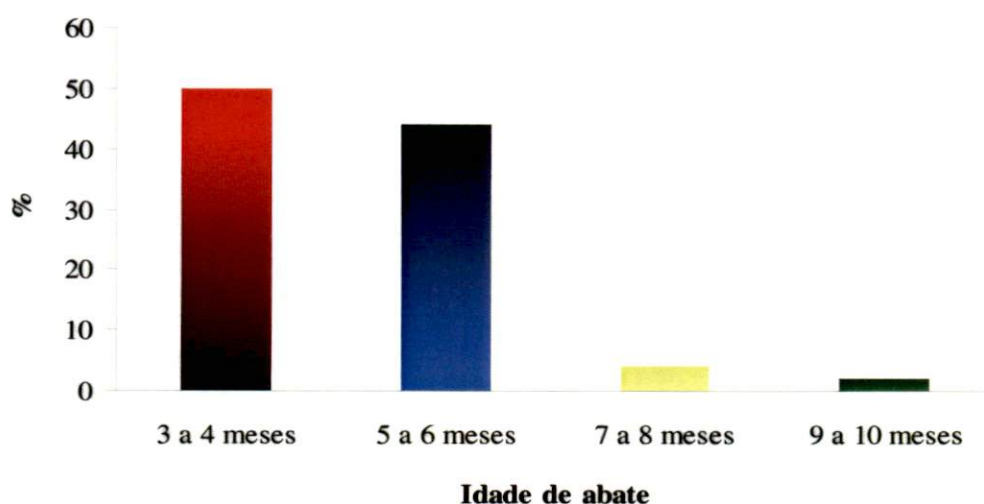
Gularte et al. (2000) comentam que à medida que a idade dos ovinos aumenta, diminui a maciez da carne e ocorre um decréscimo da textura passando da característica muito fina a fina. Os mesmos autores também observaram em animais Corriedale que com o aumento da idade, ocorre aumento na resistência do músculo ao corte e diminuição da maciez da carne, influenciando diretamente no gosto.

Bueno et al. (2000) avaliaram as proporções dos componentes não-carcaça e as características de carcaça cordeiros Suffolk, abatidos com idades médias de 90, 130 ou 170

dias, verificaram que a medida que aumentaram a idade de abate houve um incremento no peso de abate e de carcaça. Porém, os autores também verificaram que nas carcaças ocorria uma diminuição linear da porcentagem de traseiro, e aumento linear no costilhar, com o aumento da idade de abate. Dessa forma, os autores recomendam que a idade de abate de cordeiros Suffolk mais adequada esta entre 110 e 130 dias de idade.

Os trabalhos citados acima esclarecem o fato dos produtores optarem por animais mais jovens ao abate. Mesmo os produtores não tendo a preocupação de introduzir qualidade n genética de seus rebanhos o fato deles abaterem seus animais com idades mais precoces apresentará uma carne de melhor qualidade do que se esses fossem abatidos em idades mais tardias.

Gráfico 6 Idade média ao abate de ovinos nas propriedades rurais avaliadas da região do Vale do Guaporé, Sudoeste de Mato Grosso.



Fonte: Elaborado pelo autor

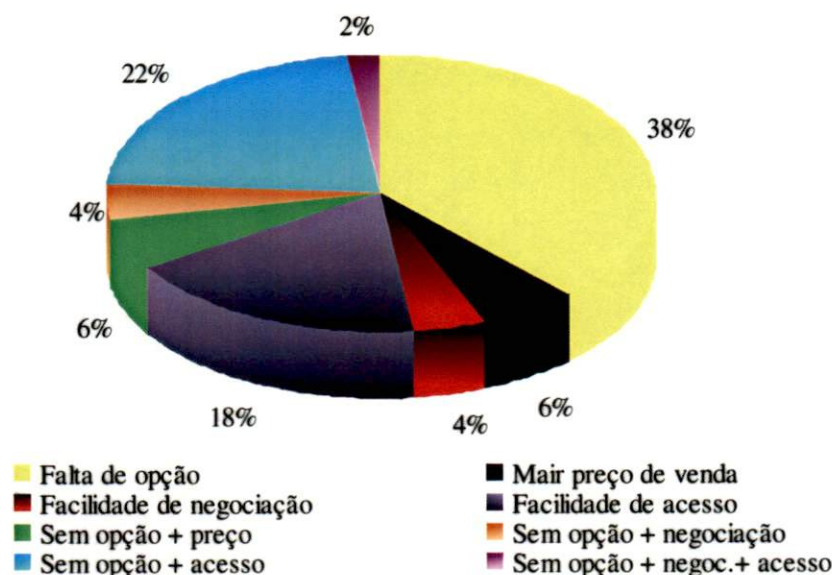
4.6 LOCAL DE ABATE E JUSTIFICATIVAS

Cerca de 98% dos produtores alegaram fazer o abate dos animais na propriedade, e 2% em frigorífico localizado em outra região do estado ou fora dele.

Os ovinocultores justificaram as razões pela qual realizam esse alto índice de abate clandestino. Pode-se notar que cerca de 72% dos produtores alegaram a falta de opção (38% somente falta de opção) ou seja, alegam que não há outra opção de local para abater, não há um frigorífico ou abatedouro local ou nas proximidades. Outros 18% dos entrevistados alegaram que o a facilidade de acesso faz com que eles optem pelo abate informal, 6% dos

entrevistados alegaram conseguir um preço melhor com o abate dentro da propriedade e 4% destacaram a facilidade de negociação como fator principal para essa opção de abate (Gráfico 7).

Gráfico 7 – Justificativa dos produtores pelo abate clandestino nas propriedades rurais avaliadas da região do Vale do Guaporé, Sudoeste de Mato Grosso



Fonte: Elaborado pelo Autor

Esse resultado (falta de opção de local de abate) demonstra que muitas vezes as parcerias não estão funcionando corretamente, elevando o número de abates clandestinos. Sorio (2009) descreve o sistema industrial da carne ovina em Mato Grosso do Sul, que se repete nos Estados de Mato Grosso e Goiás, e o caracteriza por uma relação comercial oportunista entre ovinocultores e frigorífico, em que uma das partes utiliza de “má-fé” para tirar proveito da situação, ele ainda cita, como exemplo, produtores que enviam animais de descarte para o frigorífico, como se fossem cordeiros, e a indústria fraudula o peso da balança para pagar menos.

Viana e Souza (2005) destacam que as mudanças estruturais e econômicas afetaram o preço pago aos ovinocultores nas últimas décadas o que resultou na desistência da criação por muitos produtores. Segundo relatos dos próprios produtores no Vale do Guaporé, os preços oferecidos pelos frigoríficos que tentam parceria com os mesmos variam de R\$ 2,70 a R\$ 3,50 por kg de animal vivo, em muitos casos não chega a pagar nem os custos de produção dos

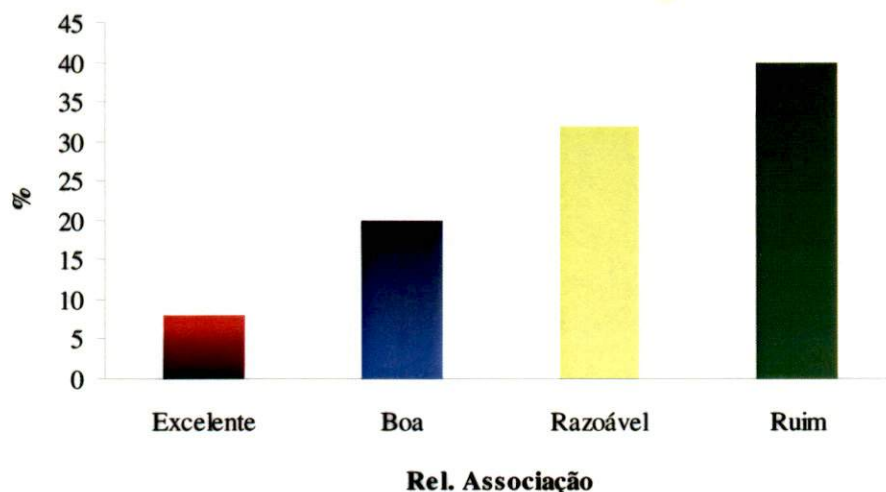
animais, além do fato de que na informalidade os ovinocultores conseguem obter o preço de R\$ 3,90 pelo kg de animal vivo, sendo mais compensatório.

Fatores como os citados acima devem ser levados em conta para tentar achar uma solução para este problema de abate clandestino que é tão grave dentro da evolução comercial da ovinocultura. É necessário mais atenção a todos os elos que envolvem esse fator.

4.7 RELACIONAMENTO DOS CRIADORES COM A ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES DE OVINOS DA REGIÃO

As respostas dos produtores de ovinos entrevistados com relação ao relacionamento dos mesmos com a Associação de Criadores de Ovinos da Região do Vale do Guaporé (ACOVALE) não foram as esperadas, sendo que dos entrevistados 8% declaram ter uma relação excelente, 20% declaram ter uma relação boa, 32% tem uma relação razoável e 40% deixaram claro que essa relação é ruim (Gráfico 8).

Gráfico 8 – Relação dos criadores de ovinos da região do Vale do Guaporé, Sudoeste de Mato Grosso com a Associação de criadores de ovinos da região (ACOVALE)



Fonte: Elaborado pelo Autor

Justificando esse questionamento de relação com a ACOVALE, 72% dos produtores que alegaram ter uma relação ruim e razoável esclareceram que a associação só os procura quando se evidencia a necessidade de alguma parceria benéfica a associação, destacam ainda que a mesma não proporciona aos produtores assistência técnica periódica para auxiliá-los na criação.

O fato de que a Associação proporciona cursos de capacitação na área de ovinocultura em parceria com o Sindicato Rural de Pontes e Lacerda – MT e que ela intermedeia a comercialização dos animais, através de parceria com fazendas de confinamento de outros estados e facilita a venda de animais para frigoríficos, faz com que 28% dos entrevistados ressaltem sua relação com a ACOVALE como sendo boa e excelente.

4.8 PARCERIAS COM FRIGORÍFICOS

A parceria com frigoríficos tanto do estado como fora dele foi tentativa de apenas 34% dos entrevistados enquanto que 66% dos produtores nem se quer tentaram essa parceria. Esse resultado é decorrente de três fatores principais: falta de conhecimento; falta de interesse do próprio produtor em tentar buscar essa parceria; baixo preço oferecido ou pelo alto custo do transporte que faz o produtor não negociar com frigoríficos.

Em relação aos dois primeiros fatores foi observado que uma parte dos produtores entrevistados alegou nunca ter recebido nenhuma proposta de parceria para venda dos animais, já outra parte dos entrevistados alegou terem recebido, mas as condições eram inviáveis financeiramente. Outro motivo é que a distância entre a região do Vale do Guaporé até o frigorífico de ovinos mais próximo, localizado na cidade de Rondonópolis – MT, é cerca de 765km, o que inviabiliza a venda devido o alto custo do transporte.

Segundo Sorio e Rasi (2010) a indústria frigorífica de abate de ovinos no Brasil costuma realizar transações comerciais de ovinos essencialmente via mercado à vista, apresentando raras iniciativas de organizar o fornecimento por meio da solução hierárquica (quando a empresa cria, abate e comercializa os próprios animais) ou de contratos de longo prazo

Sorio (2009) notou que as maiores queixas dos produtores de ovinos em Mato Grosso do Sul se dão pelas transações mal definidas por parte dos frigoríficos, em relação aos volumes demandados e à forma de remuneração, o preço baixo do animal para abate e o comércio instável.

4.9 VISÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DE OVINOS (ACOVALE)

Durante a realização do presente trabalho foi realizado um questionário destinado a ACOVALE aonde abrangiam questões de interesse da presente associação para influenciar no incentivo da criação de ovinos na região do vale do Guaporé. A entrevista foi realizada para a

presidente da associação, a senhora Marlene Bragato a qual foi extremamente direta em seu ponto de vista ao ser questionada sobre as perguntas a seguir.

4.9.1 A associação ACOVALE

Segundo relatos da senhora Marlene Bragato a associação teve início em 15 de setembro de 2005 com cerca de 130 associados sendo que nos dias atuais ela conta com aproximadamente 55 associados.

A abertura da associação ocorreu com a intenção de beneficiar a cadeia produtiva de ovinos da região com a coordenação e estruturação da cadeia produtiva fornecendo aos produtores cursos de capacitação, assistência técnica, a fim de melhorar os índices zootécnicos dos rebanhos, realizar projetos e pesquisas, além de buscar comercializar a carne de ovinos, produzida na região, dentro e fora do estado.

A associação abrange os municípios de Pontes e Lacerda, Nova Lacerda, Vila Bela da Santíssima Trindade, Adrianópolis, Porto Esperidião, São Domingos, Conquista D'Oeste, Sapezal, Mirassol D'Oeste, Comodoro e Tangara da Serra.

4.9.2 Visão da ACOVALE no interesse dos associados pela criação de ovinos

Segundo a Presidente da Associação, os criadores de ovinos desta região não demonstram muito interesse na criação devido ao baixo valor pago pelo kg do preço vivo do animal, ofertado pelos compradores que estão a disposição, os quais a maioria são de outros estados. Outro motivo que ocasionou o desânimo dos produtores foi a espera do frigorífico de o abate de ovinos (FRIGOVINO) que seria implantado na cidade de Pontes e Lacerda, porém não será mais construído devido à falta de apoio governamental e de instituições privadas que seriam beneficiadas pela abertura do mesmo e até mesmo pela falta de interesse dos próprios produtores.

Os relatos acima enfatizados são o contraste da ovinocultura destacada no decorrer do presente trabalho, sobre a visão da associação que demonstra bastante intrigada pelo fato de que os próprios produtores não demonstram interesse em participar e ajudar a associação em fazer com que a criação de ovinos se torne uma cadeia produtiva conceituada com a necessidade de um frigorífico na região e a necessidade de parcerias para evoluir.

5 CONCLUSÕES

A ovinocultura é uma criação em extrema expansão, porém, existem muitos entraves que devem ser observados para atingir as grandes criações como a bovina de corte e de leite.

Na região do Vale do Guaporé, para os produtores de ovinos esta não é a única fonte de renda para o produtor, sendo que a maioria dos produtores apresenta pequenos rebanhos, sem se preocuparem com melhoramento genético, e que apesar de abaterem os animais mais precocemente, na maioria dos casos, o abate é realizado informalmente.

A falta de comércio consolidado, de um frigorífico na região e de incentivos são os principais motivos que levam o produtor a desanimar da criação reduzindo os investimentos além de não considerar a atividade como fonte de renda ou lucratividade.

Desta forma, para que ocorra estruturação na cadeia da ovinocultura na região do Vale do Guaporé, sudoeste do Mato Grosso, é necessário que todos esses entraves sejam resolvidos. Somente quando todos esses elos estiverem unidos e organizados será possível fazer da ovinocultura a principal fonte de renda do produtor rural.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, L.; ROSA, F. R. T. Ovinos rumo ao centro-oeste. **Agro ANALYSIS – A revista de agronegócio da FGV**. 2006. Disponível em: <http://www.agroanalysis.com.br/materia_detalhe.php?idMateria=88>. Acesso em: 04 mar. 2013.
- ALENCAR, S. P.; MOTA, R. A.; COELHO, M. C. O. C.; NASCIMENTO, S. A.; ABREU, S. R. O. de; CASTRO, R. S. Perfil sanitário dos rebanhos caprinos e ovinos no sertão de Pernambuco. **Ciência Animal Brasileira**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 131-140, jan./mar. 2010.
- ALMEIDA, I. V. B. Reflexão sobre raças nordestinas. **Revista Brasileira de Caprinos e Ovinos - O berro**; N° 146 p.98 – 104, Jul. 2011.
- ALVES, R. C. **Sistema de Criação de Ovinos nos Ambientes Ecológicos do Sul do Rio Grande Do Sul - Preparo para o mercado**. Embrapa pecuária sul. Sistemas de produção II. Versão eletrônica; Ago. 2008. Disponível em: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Ovinos/CriacaoOvinosAmbientesEcologicosSulRioGrandeSul/>>. Acesso em: 8 jun. 2013.
- ALVES, V. **Ovinocultura cresce 27% em Mato Grosso e atrai investidores de todo país**. Agro Olhar – Abr. 2013. Disponível em: <http://agro.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?noticia=Ovinocultura_cresce_27_em_Mat_o_Grosso_e_atrai_investidores_de_todo_pais&id=5852> Acesso em: 22 abr. 2013.
- BARBOSA, O. R.; SILVA, R. G.; SCOLAR, J. et al. Utilização de um índice de conforto térmico em zoneamento bioclimático da ovinocultura. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 32, Brasília, 1995. **Anais...** Brasília: Sociedade Brasileira de Zootecnia, 1995. p.131-141.
- BARROS, N. N.; SIMPLÍCIO, A. A. **Produção intensiva de ovinos de corte**. Sobral-CE : Ernbrapa Caprinos, 2001 . 36p (Documento n. 37).
- BARSANTE, M. Ovinos com a realidade do Brasil. **Revista Brasileira de Caprinos e Ovinos – O berro**; n. 143, p.50-54, abr. 2011.
- BRITO, M. A.; GONZÁLES, F. D.; RIBEIRO, L. A.; CAMPOS, R.; LACERDA, L.; BARBOSA, P. R.; BERGMANN, G. Composição do sangue e do leite em ovinos leiteiros do sul do Brasil: variações na gestação e na lactação. **Ciência Rural**, v.36, n.3,p. 942-948 mai.-jun., 2006.
- BOFILL, F. J. **A Reestruturação da ovinocultura gaúcha**. Guaíba: Livraria e Editora Agropecuária, 1996. 137p.
- BRASIL – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Comunicação Social**. 2004. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/>>. Acessado em: 13 mai. 2013.
- BRASIL – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Comunicação Social**. 2012. Disponível em: <<file:///C:/Users/Debora/Documents/Zootecnia/TCC/Artigos/Sistema%20IBGE%20de%20Recupera%C3%A7%C3%A3o%20Autom%C3%A1tica%20-%20SIDRA>>.

.htm > . Acesso em: 26 mai. 2013.

BUENO, M. S.; CUNHA, E. A.; SANTOS, L. E.; RODA, D. S.; LEINZ, F. F. Características de carcaça de cordeiros Suffolk abatidos em diferentes idades. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v.29, n.6, p.1803-1810, 2000.]

CALVETE, R.; VILLWOCK, L. H. Perfil da ovinocultura de lã e carne do Rio Grande do Sul e seus desafios para o futuro. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL – SOBER, 14, Londrina Anais... Unisinos, São Leopoldo, RS, Brasil. 2007. Disponível em: <<http://www.sheepembryo.com.br/files/artigos/238.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2013.

CARNEIRO, P. L. S.; MALHADO, C. H. M.; SOUZA JÚNIOR, A. A. O. de; SILVA, A. G. S. da; SANTOS, F. N. dos; SANTOS, P. F.; PAIVA, S. R. Desenvolvimento ponderal e diversidade fenotípica entre cruzamentos de ovinos Dorper com raças locais. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, Brasília, v.42, n.7, p.991-998, jul., 2007.

CARNEVALLI, R. A.; SILVA, S. C.; FAGUNDES, J. L.; SBRISSIA, A. F.; CARVALHO, C. A. B.; PINTO, L. F. M.; PEDREIRA, C. G. S. Desempenho de ovinos e respostas de pastagens de tifton 85 (*cynodon spp.*) sob lotação contínua. **Scientia Agrícola**, v.58, n.1, p.7-15, jan. -mar. 2001.

CAVALCANTE, A. C. R.; BARROS, N. N.; BOMFIM, M. A. D.; ALVES, J. U.; SOUSA, F. B. de; LEITE, E. R. Sistema de produção de caprinos e ovinos de corte no nordeste brasileiro: alimentação e manejo alimentar. Embrapa Caprinos; p.1809-1822 Versão Eletrônica; dez/2005. Disponível em: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/CaprinosOvinosdeCorte/CaprinosOvinosCorteNEBrasil/alimentacao.htm>>. Acesso em: 23 mai. 2013.

CORRÊA, G. F.; OSÓRIO, M. T. M.; KREMER, R.; OSÓRIO, J. C. S.; PERDIGÓN, F.; SOSA, L. Produção e composição química do leite em diferentes genótipos ovinos. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.36, n.3, p.936-941, mai.-jun., 2006.

COSTA, N. G. da. A cadeia produtiva de carne ovina no Brasil, rumo às novas formas de organização da produção.. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária), Universidade de Brasília: Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária. Brasília, 182 p 2007.

COSTA, J. A. A. da; CARDOSO, E. E.; REIS, F. A.; OLIVEIRA, A. R. de; SILVA, W. C. da. Perspectivas da pesquisa em ovinocultura de corte no Centro-Oeste. Embrapa Gado de Corte. Campo Grande-MS. 2011. 47p. (Documento n. 184).

COSTA, R. L. D.; CUNHA, E. A.; FONTES, R. S.; QUIRINO, C. R.; SANTOS, L. E.; BUENO, M. S.; OTERO, W. G.; VERISSIMO, C. J. Desempenho reprodutivo de ovelhas santa inês submetidas à amamentação contínua ou controlada. Dissertação (Mestrado em Agronegócio), Universidade Estadual do Norte Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil, 9p. 2008.

COUTINHO, A. A. A. Evolução da Caprinovinocultura . **Revista Brasileira de Caprinos e Ovinos – O berro**, nº 98, p. 146-148, Jan. 2007.

CUNHA, E. A. da; SANTOS, L. E. dos; BUENO, S. M.; LIMA, J. A. de. Ovinos deslanados em pastagens tropicais. **Anuário brasileiro de caprinos e ovinos**. Revista Brasileira de Caprinos e Ovinos - O berro, p.67-69; 2008.

EMEDIATO, R. M. S. **Minerais na forma orgânica: O que são, porque usar e quais os benefícios para seu rebanho ovino**. Farmpoint. O Ponto de encontro da cadeia produtiva. 2010. Disponível em: <<http://m.farmpoint.com.br/parceiros/novidades/minerais-na-forma-organica-o-que-sao-porque-usar-e-quais-os-beneficios-para-seu-rebanho-ovino-66854n.aspx>>. Acesso em: 14 jun. 2013.

FARIAS, G. A.; MORAIS, O. R.; GUIMARÃES, P. H. S. **Análises da ovinocaprinocultura no norte e no nordeste de Minas Gerais**. SEBRAE – MG. FAMEG; EMATER – MG. Belo Horizonte, 2004. Disponível em : <http://www.sebraemg.com.br/arquivos/Coopere_para_crescer/geor/diagnostico/ovinocaprinocultura.pdf> Acesso em: 25 mar. 2013.

FAVA, C. D.; ARCARO, J. R. P.; POZZI, C. R.; ARCARO JÚNIOR, I.; FAGUNDES, H.; PITUCO, E. M.; STEFANO, E. de; OKUDA, L. H.; VASCONCELLOS, S. A. **Manejo sanitário para o controle de doenças da reprodução em um sistema leiteiro de produção semi-intensivo**. Arquivo do Instituto de. Biologia, São Paulo, v.70, n.1, p.25-33, jan./mar., 2003. Disponível em: < http://200.144.6.109/docs/arq/V70_1/delfava.pdf>. Acesso em 13 jun. 2013.

FRESCURA, R. B. M.; PIRES, C. C.; ROCHA, M. G. da; SILVA, J. H. S. da; MÜLLER, L. **Sistemas de Alimentação na Produção de Cordeiros para Abate aos 28 kg**. **Revista Brasileira de Zootecnia**, Viçosa, v.34, n.4, p.1267- 1277, ago. 2005.

FURLANETTO, E. L. Mercados nacional e internacional de peles de caprinos e ovinos: uma oportunidade de mercado. **Tecnologia & Ciência Agropecuária**, João Pessoa .v. 2, n.2, p.57-63, jun. 2008

GOMES, L. **População terá incentivo para criação de ovinos e caprinos**. Canal do produtor. 2009. Disponível em: <<http://www.canaldoprodutor.com.br/comunicacao/noticias/populacao-tera-incentivo-para-criar-ovinos-e-caprinos>>. Acesso em: 23 abr. 2013.

GOUVEIA, A. M. G.; HADDAD, J. P. A.; RIBEIRO, J. G. B. L. **Viabilidade econômica da criação de ovinos de corte nas regiões Centro-Oeste e Sudeste – Brasília – DF**. LK Editora e Comunicação, Série SENAR/MT, 52p., 2006.

GOUVEIA, A. M. G.; ESPESCHIT, C. J. B.; TARTARI, S. L. **Manejo reprodutivo de ovinos de corte nas regiões Centro-Oeste, Norte e Sudeste do Brasil**. Brasília – DF, LK Editora, e comunicação, Série SENAR/MT – 83. 95p., 2009.

GUIMARÃES FILHO, C.; ATAIDE JUNIOR, J. R. **Manejo básico de ovinos e caprinos: guia do educador**. Brasília: SEBRAE, 2009. 146p.

GULARTE, M. A.; TREPTOW, R. O.; POUHEY, J. L. F.; OSÓRIO, J. C. Idade e sexo na maciez da carne de ovinos da raça Corriedale. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.30, n. 3, Mai.-Jun. 2000.

GRIEBLER, L. **Ovinocultura leiteira no Brasil**. Farmpoint. 2012. Disponível em <<http://www.farmpoint.com.br/radares-tecnicos/sistemas-de-producao/a-ovinocultura-leiteira-no-brasil-79849n.aspx>>. Acesso em: 2 jun. 2013.

HOLANDA JUNIOR, E. V.; SÁ, J. L.; ARAÚJO, G. G. L. de. **Articulação dos Segmentos da Cadeia Produtiva de Caprinos e Ovinos: Os Fluxos Alternativos de Comercialização**. 2013. Disponível <<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/CPATSA/27430/1/OPB988.pdf>> Acesso em: 24 mar. 2013.

JARDIM, W. R. **Os ovinos**. São Paulo: Ed. Nobel, 1973. 193p.

JARDIM, R. D.; OSÓRIO, J. C. S.; OSÓRIO, M. T. M.; MENDONÇA, G. de; ESTEVES, R.; GONÇALVES, M. Efeito da idade de abate e castração sobre a composição tecidual e química da paleta e da perna de ovinos Corriedale. **Revista Brasileira de Agronegócio**, Pelotas, v. 13, n. 2, p. 237-242, abr.-jun., 2007.

LARA, V.; CARRER, C. da C.; GAMEIRO, A. H.; FIRETTI, R. **O mercado nacional da ovinocultura**. 2013. Disponível em : <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=produtividade%20ovina%20no%20brasil%20e%20mundo&source=web&cd=3&cad=rja&ved=0CD8QFjAC&url=http%3A%2F%2Fwww.abz.org.br%2Ffiles.php%3Ffile%3Ddocumentos%2FVivian___work_ovino_278887423.pdf&ei=TBF8UZTgLajl0gHVpoCYCA&usq=AFQjCNGpQOGWG4Dsb8FT2sGw-g7alITa6w&bvm=bv.45645796,d.dmQ> Acesso em: 23 fev. 2013.

LEITE, E. R. **“Ovinos e caprinos: como atender a um mercado em alta”** Pagina Rural; set. 2007. Disponível < <http://www.paginarural.com.br/artigo/1596/ovinos-e-caprinos-como-atender-a-um-mercado-em-alta> > Acesso em: 1 abr. 2013.

LORO, C. Texel sinônimo de maturidade. **Revista Brasileira de Caprinos e Ovinos - O berro**; nº 146, p.50-57, Jul, 2011.

MACHADO, R.; SIMPLÍCIO, A. A. Efeito da Raça do Padreado e da Época de Monta sobre a Eficiência Reprodutiva de Ovelhas Deslanadas Acasaladas com Reprodutores de Raças Especializadas para Corte. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v.27, n.1, p.54-59, 1998.

MADRUGA, M. S.; SOUSA, W. H.; ROSALES, M. D.; CUNHA, M. G.; RAMOS, J. L. F. Qualidade da carne de cordeiros Santa Inês terminados com diferentes dietas. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v. 34, n. 1, p.309-315, 2005.

MANTOVANI, J. A. Do curral para o futuro. **Revista brasileira de caprinos e ovinos – O berro**, nº140, p. 36-41, dez. 2010.

MARSIGILIO, B. N. **Ovinocultura de corte no Brasil e no mundo**. IEPEC, ago. 2012. Disponível em:< <http://www.iepec.com/noticia/ovinocultura-de-corte-no-brasil-e-no-mundo>>. Acesso em: 16 mar. 2013.

MENEZES, A. M. **Fontes alternativas de volumosos na dieta de ovinos**. Dissertação (Mestrado em ciências animais) Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília, Brasília - DF, 72p., dez. 2009. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6900/1/2009_AdrianaMoratodeMenezes.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2013.

OLIVEIRA, R. V.; XIMENES, F. H. B.; MENDES, C. Q.; FIGUEIREDO, R. R.; PASSOS, F. A. **Alimentação em pasto é ainda a forma mais prática e econômica de se alimentar herbívoros**. Brasília-DF, Codevasf, 142p. 2011. Disponível em: <<http://www.caprilvirtual.com.br/Artigos/ManualCodevasf.pdf>> Acesso em: 26 jan. 2013.

OLIVEIRA, A. A. F. **Sistema de Produção de Caprinos e Ovinos de Corte para o Nordeste Brasileiro: Manejo Sanitário**. Embrapa Caprinos Sistemas de Produção, Versão Eletrônica; dez. 2005. Disponível em: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/CaprinoseOvinosdeCorte/CaprinosOvinosCorteNEBrasil/sanidade.htm>>. Acesso em 13 mai. 2013.

PAULA, E. F. E. de. **Escrituração zootécnica na ovinocaprinocultura: conceitos e aplicabilidade**. IEPEC, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.iepec.com/noticia/escrituracao-zootecnica-na-ovinocaprinocultura-conceitos-e-aplicabilidade>>. Acesso em: 13 abr. 2013.

PERASSOLI, E. **Ovinocultura: números mostram crescimento de todos os elos da cadeia produtiva**. Agrodebate, abr. 2013. Disponível em: <http://www.agrodebate.com.br/_conteudo/2013/04/noticias/7529-numeros-mostram-crescimento-de-todos-os-elos-da-cadeia-produtiva.html> Acesso em: 13 abr. 2013.

PELLEGRINI, L. G. **Caracterização do leite ovino em função do período de lactação**. Dissertação (Mestrado em Zootecnia), Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Rurais, Santa Maria - RS, fev., 2012. Disponível em: <<http://jararaca.ufsm.br/websites/ppgcta/download/Dissertaco/Pelegri.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2013.

POLL, H.; VENCATO, A. Z.; KIST, B. B.; SANTOS, C.; REETZ, E. R.; BELING R. R. **Com Potencial**. Anuário brasileiro da pecuária, Ed. Gazeta, Santa Cruz do Sul-RS, p.67-73, jan. 2011.

QUADROS, D. G. de. **Sistemas de produção de ovinos e caprinos de corte**. Núcleo de pesquisa em produção animal; Universidade do Estado da Bahia. Apostila técnica. Salvador, 22p. nov. 2005. Disponível em: <http://www.neppa.uneb.br/textos/publicacoes/cursos/sistemas_producao_corte.pdf> Acesso em: 14 mai. 2013.

QUADROS, D.G de; VIEIRA, G. A. **Manejos de caprinos e ovinos de corte**. In: NEPPA - NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM PRODUÇÃO ANIMAL, 9, Bahia, 2013. **Anais...** Bahia: Universidade do Estado da Bahia. Faculdade de Engenharia e Agrônômica. 2013. Disponível em: <<http://file.farmacianafazenda.com.br/Artigo/manejo-ovino-caprino.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2013.

REIS, F. A. **Criação de ovelhas no Brasil Central: algumas considerações**. IEPEC, nov. 2010. Disponível em: <<http://www.iepec.com/noticia/criacao-de-ovelhas-no-brasil-central-algumas-consideracoes>> Acesso em: 22 de abril de 2013.

RIBEIRO, M. N.; PIMENTA FILHO, E. C.; CRUZ, G. R. B.; BARROS, E. A.; SILVA, N. M. V. da. **Melhoramento e conservação de pequenos ruminantes no Brasil. Pequenos ruminantes no Brasil: situação atual e perspectivas**. Recife: EDUFPRPE, 2007. 178p.

RIBEIRO, C. **Sistema de Criação de Ovinos nos Ambientes Ecológicos do Sul do Rio Grande Do Sul: Importância sócio-econômica**. Embrapa pecuária sul. Sistemas de produção II. Versão eletrônica, ago. 2008. Disponível em: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Ovinos/CriacaoOvinosAmbientesEcologicosSulRioGrandeSul/importancia.htm>>. Acesso em: 16 mai. 2013.

RIVEIROS, M. **Sistema facilitará escoamento de ovinos e caprinos para frigoríficos, diminuindo valor do frete em MS**. mai. 2013. Disponível em: <<http://www.msrecord.com.br/noticia/ver/95401/sistema-facilitara-escoamento-de-ovinos-e-caprinos-para-frigorificos-diminuindo-valor-do-frete-em-ms>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

RODRIGUES, R. **Desafio: Carne em escala comercial**. *Revista Brasileira de Caprinos e Ovinos - O berro*, Anuário brasileiro de caprinos e ovinos. Nº 142, p. 59-63, mar. 2011.

ROTA, E. L.; OSÓRIO, M. T. M.; OSÓRIO, J. C. S.; OLIVEIRA, N. M. de; BARBOZA, J.; KASINGER, S. **Efeitos do cruzamento de carneiros da raça texel com ovelhas corriedale e ideal sobre a qualidade da carne**. *Revista Brasileira de Agrociência*, v.10, n. 4, p. 487-491, out-dez, 2004.

SÁ, C. O. de; SIQUEIRA, E. R. de; SÁ, J. L. de; FERNANDES, S. **Influência do fotoperíodo no consumo alimentar, produção e composição do leite de ovelhas Bergamácia**. *Pesquisa Agropecuária Brasileira, Brasília - DF*, v.40, n.6, p.601-608, jun. 2005.

SANTOS, C.L. dos. **Montagem de Pequeno Abatedouro e cortes comerciais de ovinos**. Série ovinocultura, nº 415. Centro de Produções Técnicas – CPT, Viçosa, 2002, 120p.

SANTOS, R. dos. **Passado, presente e futuro**. Criação da Cabra e da Ovelha no Brasil. Uberaba – MG, Editora Agropecuária Tropical LTDA, 2004. 496p.

SAUERESSING, D. **Sanidade é prioridade**. *AG Revista do Criador*, nº 156, p. 6-7, mai. 2012.

SILVA SOBRINHO, A. G. da; BATISTA, A. M. V.; SIQUEIRA, E. R. de; ORTOLANI, E. L.; SUSIN, I.; SILVA, J. F. C. da; TEIXEIRA, J. C.; BORBA, M. F. S. **Nutrição de ovinos**. FUNEP, 258 p., 1996.

SILVA, T. P.; FACURY FILHO, E. J.; NUNES, A. B. V.; ALBUQUERQUE, F. H. M. A. R.; FERREIRA, P. M.; CARVALHO, A. U. **Dinâmica da infecção natural por *Eimeria* spp. em cordeiros da raça Santa Inês criados em sistema semi-intensivo no Norte de Minas Gerais**. Belo Horizonte – MG; *Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia*, v.59, n.6, p.1468-1472, 2007.

SILVEIRA, H.; SENNA, A. J. T.; CÉZAR, C.; PEDROZO, E. A.; GOMES, T. C. L. A **Coordenação na cadeia produtiva da ovinocultura como instrumento para o desenvolvimento regional: o caso da iniciativa local do cordeiro herval *premium***. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE O DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 1, Santa Cruz do Sul – RS, 2007, *Anais...* Disponível em: <<http://www.sheepembryo.com.br/files/artigos/222.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2013.

SILVA SOBRINHO, A. G. da. **Criação de ovinos**. Jaboticabal: FUNEP, 1997. 230p.

SIQUEIRA, E. R. **Raças e cruzamentos de ovinos**. Série Ovinocultura, n° 310, Centro de Produções Técnicas – CPT, Viçosa, 2001, 48p.

SIQUEIRA, E. R. **Criação de Ovinos de Corte**. Série Criação de Ovinos, Centro de Produções Técnicas – CPT, Viçosa – MG, 156p.; 2007.

SOUSA, W. H. de; AQUINO, D. S. P. B.; ROCHA, M. S. L. **Pele de caprinos e ovinos – Avaliação da qualidade**. *Revista Brasileira de Caprinos e Ovinos – O berro*, n° 100; p. 98-104, abr. 2007.

SOUSA JÚNIOR, A. de; GIRÃO, R. N.; GIRÃO, E. S.; CAVALCANTE, V. C.; **Manejo Alimentar de caprinos e ovinos**. Teresina: SEBRAE/PI. 2004; 44p.

SOUZA, D. A. **O mercado informal brasileiro da carne ovina**. FarmPoint, jul. 2010. Disponível em: < <http://www.farmpoint.com.br/cadeia-produtiva/conjuntura-de-mercado/o-mercado-informal-brasileiro-da-carne-ovina-64080n.aspx>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

SOUZA, W. H. de; CEZAR, M. F.; CUNHA, M. G. G; LÔBO, R. N. B. **Estratégias de Cruzamentos para Produção de Caprinos e Ovinos de Corte**. Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária da Paraíba S.A. – EMEPA, fev. 2008. Disponível em: <<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/35237/1/AAC-Estrategias-de-cruzamentos.pdf>>. Acesso em 13 mai. 2013.

SOUZA, I. G. **A ovelha**. Manual Prático Zootécnico. 2ed., Alegret – RS, Editora Pallotti, 2005. 96p.

SORIO, A. M. **Sistema agroindustrial da carne ovina: o exemplo do Mato Grosso do Sul: uma abordagem da nova economia institucional**. Dissertação (Mestrado em Agronegócios) – Consórcio entre a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Universidade de Brasília e a Universidade Federal de Goiás. Campo Grande-MS, Brasília-DF, Goiânia –GO, fev. 2009, 120p.

SORIO, A.; RASI, L. **Ovinocultura e abate clandestino: problema fiscal ou uma solução de mercado**. *Revista Política Agrícola*. Ano 19; n. 1; Jan. 2010. Disponível em: < http://www.fazendaecologica.com.br/framework/fw_files/cliente/fazendaecologica/ged/lt_biblioteca/28/1_14_18_31_201077172720.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2013.

TEIXEIRA, L. M.; ALMEIDA, A. C.; SILVA, B. C. M.; MORAES, G.; XAVIER, M. T. R.; GERASSEV, L. C. **Ocorrências de enfermidades infecto-contagiosas em rebanhos de ovinos e caprinos no norte de minas gerais**. In: CONGRESSO DE ZOOTECNIA - ZOOTEC, João Pessoa-PB. 2008. *Anais...* João Pessoa - PB: Universidade Federal da Paraíba - UFPB 2008 (CD ROM).

VIANA, J. G. A. **Panorama Geral da Ovinocultura no Mundo e no Brasil**. *Revista Ovinos*, Porto Alegre-RS, a.4, n° 12, p.4-5, mar. 2008.

VIANA, J. G. A.; SILVELIRA A. T. **Análise econômica da ovinocultura: estudo de caso na Metade Sul do Rio Grande do Sul, Brasil**. *Ciência Rural*, Santa Maria, v.39, n° 4, p.1187-1192. Jul. 2009.

VIANA, J. G. A.; SOUZA, R. S. de. Comportamento dos preços dos produtos derivados da ovinocultura no Rio Grande do Sul no período de 1973 á 2005. **Ciências Agrotécnicas**, Lavras, v. 31, n. 1, p. 191-199, jan.-fev., 2007.

VIANA, J. G. A.; WAQUIL, P. D.; SPOHR G. Evolução histórica da ovinocultura no rio grande do sul: comportamento do rebanho ovino e produção de lã de 1980 a 2007. **Revista Extensão Rural**, Santa Maria – RS, a.17, n.20, p. 14-16, Jul.-dez. 2010.

VIDAL, M. de F.; SILVA, R. G. da; NEIVA, J. N.M; CÂNDIDO, M. J. D; SILVA, D. S da; PEIXOTO, M. J. A. Análise econômica da produção de ovinos em lotação rotativa em pastagem de capim Tanzânia (*Panicum maximum* (Jacq)). Rio de Janeiro - RJ, vol. 44, n.4, p. 801-818, out/dez 2006.

XIMENES, L. J. F.; CUNHA, A. M. da. Setor de peles e de couros de caprinos e de ovinos no nordeste. **Informe Rural**, a.6, mar. 2012. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/etene/etene/docs/ire_an06_n1.pdf>. Acesso em 2 jun. 2013.

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos produtores**ORGANIZAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DA OVINOCULTURA DO
OESTE DE MATO GROSSO****1º Etapa: Entrevista produtores**

1. Entrevistadores: _____
2. Data da entrevista: ____ / ____ / ____

Bloco 1- Caracterização do entrevistado

3. Nome: _____
4. Endereço: _____
5. Contatos: _____

Bloco 2- Caracterização dos produtores

1. A ovinocultura é a principal fonte de renda?
- a) Sim
- b) Não.

Se a resposta anterior foi alternativa “b”. Qual a participação na renda total (%)?

2. Quais os principais problemas enfrentados pelos associados segundo os aspectos:
- a) Produção de cordeiros ()
- b) Abate dos animais ()
- c) Comercialização ()
- d) Outros () _____

Bloco 3- Caracterização da produção dos produtores

3. Qual o número médio de cabeças por associado?
- a) 0 á 30 animais ()
- b) 31 á 60 animais ()
- c) 61 á 90 animais ()

- d) 91 á 120 animais ()
- e) Mais que 120 ()

4. Quais as principais raças utilizadas pelos associados e a participação de cada uma delas no total de animais?

- a) Sulffok ()
- b) Dorper ()
- c) Santa Inês ()
- d) Mestiço ()
- e) SRD ()

5. Qual a idade média de abate? _____

Bloco 4 – Caracterização do abate

6. Onde os animais são abatidos?

- a) Frigorífico ()
- b) Propriedade rural ()
- c) Outro. Qual? _____

7. Por que preferem abater neste local?

- a) Não há outro ()
- b) O preço alcançado com a venda é maior do que nos outros locais ()
- a) Maior facilidade de negociação ()
- b) Maior facilidade de acesso ()

8. Qual o tipo de inspeção sanitária (Federal, Estadual ou Municipal) presente no principal local de abate?

- a) Não ()
- b) Sim ()

9. Qual o relacionamento com a ACOVALE?

- a) Ruim ()
- b) Razoável ()
- c) Bom ()

d) Muito bom ()

10. Já houve alguma tentativa de parceria ou acordo com frigoríficos?

a) Sim ()

b) Não ()

APÊNDICE B- Questionário aplicado a ACOVALE**ORGANIZAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DA OVINOCULTURA DO
OESTE DE MATO GROSSO****2º Etapa: Entrevista ACOVALE****Bloco 1 - Características do Entrevistado**

Nome _____

Endereço _____

Contatos _____

Bloco 2 - Caracterização da Associação

- 1) Qual a data de início da associação? __ / __ / __
- 2) Quais as razões para a formação da associação?
- 3) Qual o número de associado quando a associação teve início?
- 4) Quais os municípios que são abrangidos os associados da associação?
- 5) A associação vê o interesse dos produtores em seguir adiante com a ovinocultura?
- 6) O que a associação faz para incentivar a cadeia produtiva de ovino no Vale do Guaporé?